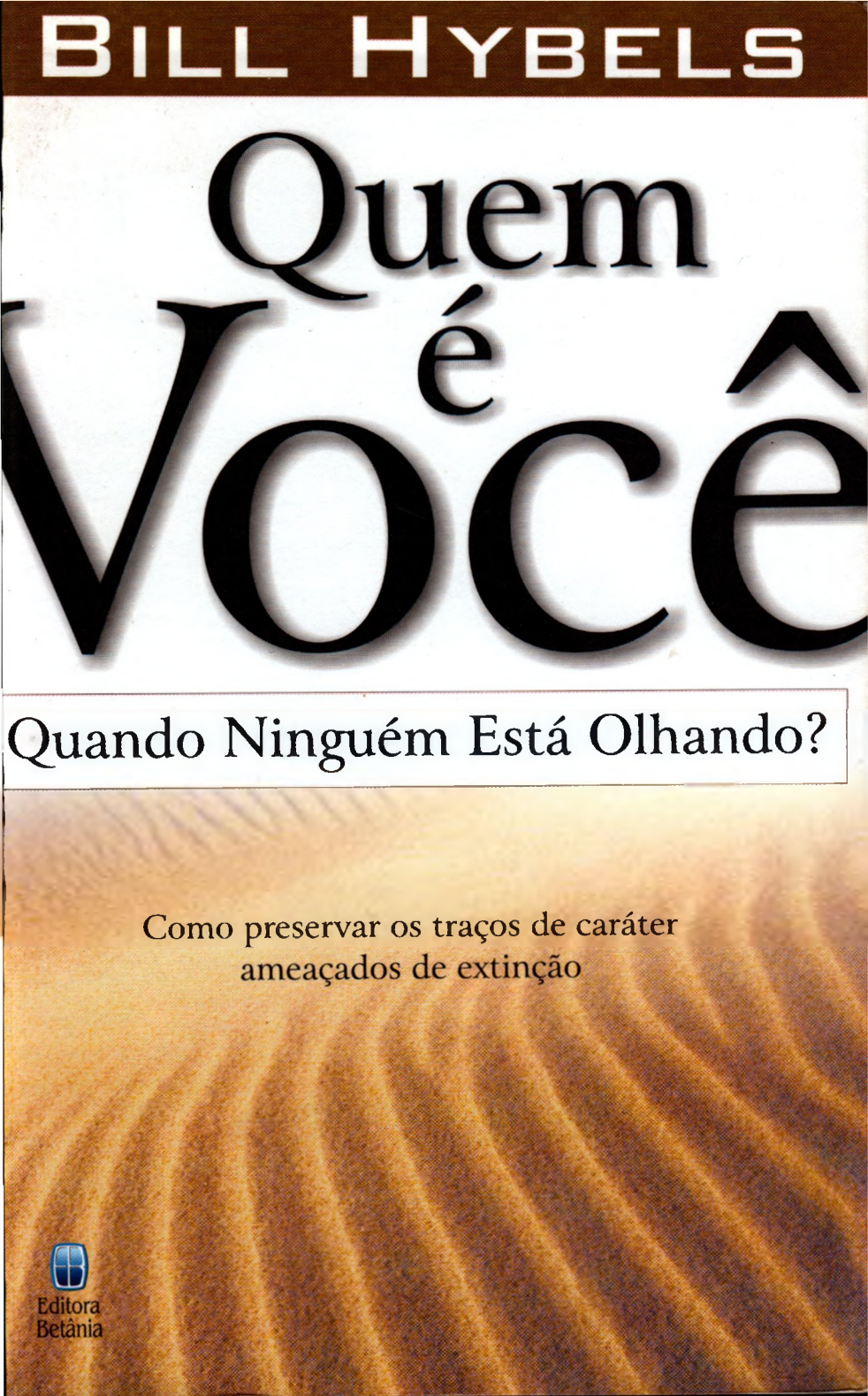
BILL HYBELS

Quem é Você

Quando Ninguém Está Olhando?

Como preservar os traços de caráter ameaçados de extinção



Editora Betânia

Do original
Who You Are (When No One's Looking)
Copyright © 1987 by Bill Hybels
Publicado originalmente por
InterVarsity Press

Traduzido e publicado com autorização de
InterVarsity Press
P. O. Box 1400
Downers Grove, IL
60515, EUA

Revisão
Josafá Nascimento Moura

Capa
Marcelo Silva

Foto da Capa
Photodisc

Composição e Impressão
Editora Betânia

Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo. CRB 8/6219

Hybels, Bill.
Quem é você quando ninguém está olhando? /
Bill Hybels ; revisão de Josafá Nascimento Moura. –
Belo Horizonte : Betânia, 2000.
128p. ; 21cm.

Título original: Who you are when no one's looking,
c1987.
ISBN 85-358-0027-1

1. Vida cristã. 2. Comportamento I. Título.
CDD 248.4

1ª edição, 2000

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores.

Todos os direitos reservados pela
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova
31570-000 Belo Horizonte, MG
Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG

Printed in Brazil

Quem é Você

Quando Ninguém Está Olhando?

Índice

1. **CARÁTER**
Preservando os Traços de Caráter Ameaçados de Extinção 7

2. **CORAGEM**
Superando os Temores que nos Desanimam 13

3. **DISCIPLINA**
Alcançando o Sucesso Através do Adiamento da Auto-Satisfação 24

4. **VISÃO**
Enxergando Além do Óbvio 38

5. **PERSEVERANÇA**
Mantendo a Firmeza nos Momentos de Maior Desânimo 51

6. **AMOR E COMPAIXÃO**
Andando nos Passos de Outrem 63

7. **AMAR COM FIRMEZA**
Exigir a Verdade em Todos os Relacionamentos 74

8. **O AMOR SACRIFICIAL**
Dar sem Desistir 91

9. **O AMOR RADICAL**
Quebrando o Ciclo da Hostilidade 106

10. **O CARÁTER DE CRISTO** 117

1

Caráter

Preservando os Traços de Caráter Ameaçados de Extinção

Caráter – essa palavra raramente aparece na Bíblia. Os jornais e a televisão não a empregam com muita freqüência. No entanto conhecemos bem o seu significado. Quando falta caráter, percebemos de imediato.

Ao contemplar a promiscuidade excessiva entre adolescentes, ao atentar para as clínicas de aborto lotadas e para a presente epidemia de doenças sexualmente transmissíveis, pessoas que não costumam usar a palavra *caráter* ficam lamentando a debandada da moralidade. E elas choram a morte da integridade ao ver governantes eleitos aceitando suborno, líderes do mundo dos negócios exigindo compensações, e investidores explorando informações privilegiadas que geram fortunas não declaradas. Também, ao lerem sobre homens que espancam a esposa, cidadãos desempregados e crianças que se tornam vítimas de abuso, essas mesmas pessoas ficam a perguntar o que houve com o amor ao próximo.

Caráter, disse um sábio certa vez, é o modo como agimos

quando ninguém está olhando. Caráter não é o que já fizemos, mas aquilo que *somos*. Com freqüência, estamos ouvindo falar de falhas de caráter que chegam a ser trágicas. A descrição de sua ausência, porém, não serve para dizer o que ele é.

Traços de Caráter Ameaçados de Extinção

Um caráter íntegro se revela, diariamente, de muitas maneiras:

- Uma mulher enfrenta o pavor de falar em público para contar à sua igreja uma miraculosa resposta de sua oração. Isso é *coragem*.
- Um homem faz o propósito de levantar-se vinte minutos mais cedo, todas as manhãs, para correr em volta do quarteirão, e cumpre sua promessa. Isso é *disciplina*.
- Uma professora pacientemente investe num aluno desatento e descobre que ele é um escritor talentoso. Isso é *visão*.
- Um universitário, já vencido pelas provas e monografias, pensa em desistir, mas decide continuar e estudar. Isso é *persistência*.

Esses quatro traços do caráter estão na minha lista dos "ameaçados de extinção". Não são atraentes, nem fáceis. Por isso, muitos procuram ignorá-los. E, no entanto, por mais estranho que pareça, o traço de caráter mais ameaçado de extinção é justamente aquele que todos nós afirmamos querer – o *amor*.

Muitas vezes, quando dizemos que queremos um amor marcado pelo caráter, isso significa apenas, e tão-somente, que desejamos ser amados. Esperamos que as pessoas nos admirem e nos tratem com carinho. Nesse caso, procuramos também fazer o mesmo com elas. Entretanto as pessoas de

caráter vão além do afeto superficial. Elas se empenham na difícil tarefa de amar. E fazem isso de várias maneiras, muitas vezes sem perceber que estão demonstrando força de caráter:

- Uma mulher se recusa a continuar dando desculpas para as faltas de seu marido ao trabalho, por causa de constantes ressacas. Isso é *amor firme.*
- Um pai percebe as lágrimas no rosto da filha e, por isso, se assenta ao lado dela, levando-a a contar o que está em seu coração. Isso é *amor recheado de ternura.*
- Um homem ou uma mulher recusa uma tentadora proposta de promoção no trabalho, para que os filhos possam permanecer no lugar onde já fizeram amigos e fincaram raízes. Isso é *amor sacrificial.*
- Uma jovem viúva perdoa o motorista que, embriagado, atropelou e matou seu marido. Isso é *amor radical.*

O amor, diz o apóstolo Paulo, é o traço mais importante do caráter cristão (1 Co 13.13), e provavelmente o menos compreendido. É por isso que vou analisá-lo na segunda parte deste livro. Contudo é extremamente difícil aprender a amar, a menos que tenhamos também os outros atributos do caráter: a coragem para fazer o que é preciso; a disciplina para tomar decisões e levá-las a termo; a visão para enxergar o futuro distante e perscrutar o coração das pessoas; e a persistência para continuar, a despeito do escárnio, da inquietação ou do simples tédio. Por isso, dediquei a primeira parte deste livro aos traços fundamentais do caráter.

Cultivando Firmeza de Caráter

Ao ler o índice deste livro, o leitor poderia sentir-se tentado a fazer a seguinte avaliação:

"Vejamos, sou fraco quanto à coragem, então vou passar dois meses procurando aprimorar-me nessa área. Um mês e meio deve ser o suficiente para resolver a questão da disciplina, e tenho certeza de que darei conta da visão em, no máximo, quinze dias. Vou pular a persistência, e isso me dará dois meses para cada tipo de amor. Seguindo esse cronograma, em um ano terei um caráter irreprovável."

Em sua autobiografia, Benjamin Franklin conta que tentou esse método, mas não deu certo. Assim que dominava um traço importante e passava ao seguinte, o primeiro começava a escapar-lhe entre os dedos. Caráter não é algo que se possa desenvolver através de resoluções nobres tomadas com base numa lista de atributos. Normalmente é necessário muito esforço, algum sacrifício, e anos de fidelidade, para que qualquer uma dessas virtudes se torne plena e constantemente perceptível em nós.

Não devemos ver o fortalecimento do caráter como uma tarefa penosa. Existem segredos para o desenvolvimento de cada um dos traços do caráter. É o que vamos mostrar nos capítulos seguintes. O mais importante de tudo é que Jesus Cristo, o único perfeito em todas as virtudes que pudermos imaginar, propõe-se a desenvolver seu caráter em nós, à medida que o seguimos. Não dá para recusar essa oferta!

A Salvação é de Graça

Caro amigo, ao ler este livro, tenha sempre em mente um fato muito importante. *Você até pode ter um caráter maravilhoso, mas não o suficiente para merecer a aprovação de Deus.* Este livro não visa a ensinar-lhe a fazer com que Deus pare e atente para você, nem a aumentar seus méritos no céu. Embora o caráter seja algo muito importante, não constitui um meio de obter a salvação. E isso

porque ninguém pode conquistar a salvação por si mesmo – nem através de coragem, disciplina, visão, persistência e amor.

A salvação é um presente que o Pai celeste nos dá, e que lhe custou um altíssimo preço – a morte de seu único e amado Filho. E não nos custa nada. Não podemos alcançá-la por meio de esforço, nem de bom comportamento; nem mesmo de um caráter excelente. A única maneira de desfrutarmos de um relacionamento pessoal com Deus é nos achegarmos a Jesus Cristo, com as mãos vazias, dizendo:

"Senhor, quero seguir-te. Recebe-me em tua família, limpa-me, dá-me vestes novas e torna-me como tu és."

E Jesus fará exatamente isso. Ele nos receberá como estivermos e nos dará a certeza de que seremos dele para sempre. E então – devagar a princípio, mas de forma irreversível – ele irá moldando-nos até que tenhamos adquirido a sua semelhança.

Este livro, portanto, destina-se a dois tipos de pessoas. Primeiro, ele é para aquele que, cristão ou não, admira a firmeza de caráter e reconhece que ele é uma necessidade urgente, tanto em nossa sociedade, como em si mesmo. E espero conseguir mostrar-lhe como chegar aonde deseja. Segundo, ele é para aquele que, tendo já entregue sua vida a Cristo, anseia por transformações espetaculares e tremendas demonstrações de virtude. Espero conseguir mostrar ao leitor que ele já está a caminho da firmeza de caráter, ainda que o caminho seja mais humilde do que imaginava.

A maior necessidade de nosso mundo hoje é de pessoas com caráter. Se todos os mais de seis bilhões de habitantes tivessem firmeza de caráter, não haveria guerras, fome, esfacelamento de famílias, crimes ou pobreza. Enquanto Cristo não voltar para transformar a Terra, não viveremos

num mundo perfeito. Nesse meio tempo, porém, não precisamos nos desesperar. À medida que o nosso caráter for se robustecendo, nosso mundo irá tornando-se cada vez melhor.

Então, coragem! Essa é uma boa maneira de começar.

2

Coragem

Superando os Temores que nos Desanimam

Tenho uma confissão constrangedora a fazer: assisti ao filme *Rocky, um Lutador,* três vezes. Tem mais: assisti ao *Rocky II* três vezes, ao *Rocky III,* duas vezes, e vi também *Rocky IV*. Devo admitir que cada um deles mexeu comigo. E não por achar que são filmes excepcionais, mas por um motivo bem simples: trataram de um assunto muito importante – coragem.

Coragem é algo que sempre me fascinou. Quando eu era garoto, meu pai comprou um veleiro na Irlanda e voltou para os Estados Unidos nele, atravessando o oceano Atlântico. Na viagem, teve, inclusive, de enfrentar um furacão. Antes de partir, ele arranjou uma porção de livros para saber no que estava se metendo, e eu os li, um por um. Alguns deles retratavam tragédias no mar, onde invariavelmente havia aquela cena em que o navio começava a afundar e todos ficavam alinhados no convés, tentando descobrir o que fazer, já que o número de coletes salva-vidas era insuficiente. Sempre havia um herói que dizia:

"Pegue o meu colete."

Quando lia isso, minha respiração se tornava ofegante e meu coração disparava.

Quando ouço a respeito de alguém que demonstra coragem, penso com meus botões:

"É assim que quero ser."

Eu bem que gostaria de ter mais coragem. Não quero viver enfraquecido pelo medo, nem desanimado pela ansiedade. Não desejo me abater diante de circunstâncias difíceis, comprometendo minhas convicções, nem me acovardar ao me deparar com grandes desafios. Não quero ser covarde; quero, sim, ser corajoso. E esse desejo é bíblico, pois Paulo nos ensina que "Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Tm 1.7).

Coragem no Dia-a-Dia

Entristece-me perceber que só ouvimos falar de coragem quando alguém pratica um ato heróico que atrai a atenção da mídia: salvar uma senhora de idade, tirando-a de um prédio em chamas; mergulhar em águas quase congeladas para salvar uma criança que está se afogando; arriscar-se em meio a um tiroteio para livrar um amigo do perigo. Gosto muito dessas histórias, mas elas não parecem fatos da vida real. Situações singulares e dramáticas são raras na vida de pessoas comuns como nós. Quanto mais velho fico, porém, mais percebo que é necessário ter muita coragem para enfrentarmos os desafios do nosso dia-a-dia.

Todos os dias temos de tomar decisões que revelam se somos corajosos ou covardes. Temos de escolher entre algo que é certo e algo que nos é mais conveniente. Ou agimos com base numa convicção ou cedemos por causa de comodidade, avareza ou desejo de aprovação. Outras vezes temos de escolher entre assumir um risco cuidadosamente calculado ou nos abrigarmos dentro da imobilidade de um ambiente seguro. Ou ainda resolvemos crer em Deus e confiar nele, mesmo que por vezes não entendamos seus caminhos, ou

então optamos por desconfiar dele e nos acovardamos na dúvida e no medo. Decisões como essas estão diariamente diante de nós, e surgem num piscar de olhos. Temos de enfrentá-las com tanta freqüência que nem nos damos conta de que estamos tomando decisões. Há momentos em que apenas seguimos a correnteza, em vez de fazermos escolhas conscientes e corajosas.

Coragem Para nos Expor

Há quem diga que o cristianismo é para pessoas fracas, covardes e bobas. Essa afirmação sempre me intrigou, uma vez que na minha experiência ocorre exatamente o oposto. É necessário grande dose da coragem, à moda antiga, para ser cristão. Minha fé exige o melhor de mim. Só para tornar-se um cristão, já é necessário exercitar muita coragem. A Bíblia diz que, para isso, temos de reconhecer nossos pecados diante de um Deus santo. Isso requer coragem.

No começo de cada semestre, o professor diz:

"Tal dia vocês vão ter de entregar a monografia do semestre."

Contudo o estudante se distrai com atividades paralelas e, na véspera, de repente, descobre que ainda não concluiu o trabalho. Então procura o professor e diz:

"Professor, o senhor não vai acreditar no que aconteceu comigo. Minha tia ficou doente, a biblioteca perdeu o livro mais importante para a minha pesquisa, e o cachorro comeu o trabalho logo que acabei de imprimi-lo."

Ele diz tudo menos a verdade, na esperança de que o professor seja misericordioso e lhe dê uma nova oportunidade.

Provavelmente poucos já chegaram para o professor e disseram:

"O senhor nos passou esse trabalho há vários meses. Entendi a tarefa perfeitamente, e ela era justa. Infelizmente,

porém, fiquei jogando futebol e ouvindo música. Não fiz o que deveria ter feito. Fui indisciplinado, e protelei. Agora meu trabalho não está pronto. Não tenho desculpas; o erro foi meu. Faça o que o senhor achar melhor."

Por que as pessoas não agem dessa maneira? Porque é doloroso admitir a verdade, confessando as próprias falhas. Isso requer coragem.

Quando converso com alguém sobre o cristianismo, costumo dizer:

"Você precisa se arrepender diante de um Deus santo. Tem de contar-lhe toda a verdade. Deve dizer que mentiu, magoou alguém, trapaceou, foi ganancioso, desonesto, egoísta e infiel para com sua esposa."

Quando digo isso, vejo o temor estampado nos olhos das pessoas. Ninguém quer ser assim tão aberto e vulnerável. Aí a pessoa fica se remexendo no banco e começa a olhar para o relógio, imaginando como pode fugir dessa confrontação.

O que é que está acontecendo? Em sua mente, ouve uma voz dizendo:

"Tal confissão seria muito humilhante e dolorosa, além disso, o deixaria incomodado e exposto. Mas é a única coisa certa a fazer, e você tem de fazê-la."

Ao mesmo tempo, outra voz diz:

"Não olhe para si mesmo com tanto rigor. Faça por menos. Vá com os outros. Encubra suas falhas."

Muitas pessoas sucumbem a seus temores, e dizem:

"Não posso fazer isso. Seria muito embaraçoso, humilhante demais."

Então começam a dizer coisas ridículas, como:

"Eu, pecador? Eu não. O Fulano é que é uma pessoa terrível. Fulana é uma mulher muito ímpia. Contudo eu tenho levado uma vida correta. Posso ter cometido alguns pequenos erros de julgamento; afinal de contas, ninguém é perfei-

to. Mas não foram muitos, e todos eles sem muita importância."

Quando percebo esse tipo de reação, sinto um tremendo desejo de dizer:

"Meu amigo, você é um covarde. Sabe muito bem o que deveria fazer, mas é covarde demais, e não faz. Não tem coragem de chegar diante de Deus e contar tudo. Está com medo do sofrimento, da situação embaraçosa. Está apavorado demais para admitir algo que é óbvio."

E fico ainda com vontade de acrescentar:

"Se você é tão medroso que não pode se arrepender, por favor, não venha dizer nunca que ser cristão é coisa para gente fraca. Está claro que ser cristão é coisa para gente com muito mais coragem que você."

Se para *tornar-se* cristão é preciso coragem, muito mais coragem ainda é necessário para *ser* um cristão.

Coragem Para Seguir em Frente

Nos acampamentos de jovens, havia uma brincadeira em que se vendavam os olhos de um garoto, que devia correr por uma área cheia de árvores. Ele era guiado pelas instruções de um amigo, em quem devia confiar.

"Vire à esquerda, tem uma árvore bem aí na frente! Cuidado com o tronco – *pule*!"

Alguns simplesmente não confiavam nas orientações, por nada neste mundo. Iam arrastando os pés e andando bem devagar, mesmo que os amigos estivessem berrando que o caminho estava livre. Outros iam correndo, e uns poucos, "voando baixo". Todos, porém, tinham de resistir à vontade de arrancar a venda para ver o que estava adiante. É preciso muita coragem para seguir a liderança de outra pessoa.

Nós, os cristãos, sentimo-nos às vezes como aqueles garo-

tos vendados. Paulo afirma que nós "andamos por fé e não pelo que vemos" (2 Co 5.7). Não estamos sós no meio das árvores, pelo contrário, Deus endireitará as nossas veredas (Pv 3.6). Contudo é verdade que seguir a Cristo exige muita coragem. Muitas vezes as ordens dele nos parecem ilógicas, irracionais e contrárias à cultura em voga. Há momentos em que é tão difícil que eu acabo dizendo:

"Não, acho que devo voltar para o meu cantinho e parar de me arriscar."

É aí que ouço uma voz interior indagando:

"Onde está a sua coragem, Bill? Levante-se e ande. Você pode confiar em Deus."

A jornada espiritual dos covardes não é muito longa. Eles murcham e desaparecem. É necessário muita coragem para nos arrependermos e nos tornarmos cristãos. É preciso muita força interior para seguir as diretrizes de Deus na vida cristã. Algumas de suas ordens exigem o melhor de nós. Algumas de suas provações vão exigir o máximo de nós. Alguns dos atos de fé que ele apresenta provocam em nós grandes temores e dúvidas. É; realmente a coragem espiritual faz parte da lista dos traços de caráter ameaçados de extinção.

Coragem nos Relacionamentos

Há outro tipo de coragem que também se acha em perigo de extinção hoje – a *coragem nos relacionamentos*. Evito sempre dar uma resposta simples a questões tão difíceis, mas, quando alguém me pergunta o que é necessário para ter-se um casamento bem-sucedido, respondo:

"Coragem."

Para um relacionamento conjugal florescer, necessita de intimidade. O homem precisa ter muita coragem para dizer à esposa:

"Este aqui sou eu. Não estou nada orgulhoso de mim mes-

mo. Em verdade, estou até envergonhado. Mas é assim que sou realmente."

É necessário muita coragem para fitar a esposa nos olhos e dizer:

"Nosso casamento está ameaçado. Temos de tomar alguma providência."

O que é que a maioria das pessoas faz? Deixa os problemas em "banho-maria" e segue pelo caminho mais cômodo. Enquanto cada um cuida de sua própria carreira e se entrega a seus próprios divertimentos, o casamento vai se esfacelando por falta de coragem. Falta-lhes coragem para colocar a carapuça e dizer:

"Vamos batalhar por nosso casamento. Vamos a um encontro de casais. Vamos procurar um conselheiro matrimonial. Vamos conversar com um casal a quem respeitamos. Vamos colocar os problemas na mesa e procurar resolvê-los, em vez de continuar fugindo deles."

É necessário coragem para lutar contra a tentação de buscar algo que nos parece mais interessante; para arrancar camadas e mais camadas de máscaras, véus e mecanismos de defesa, e edificar o casamento, ano após ano. Esse tipo de coragem não se aplica apenas ao relacionamento conjugal. É necessário também na educação dos filhos. Quantas vezes vejo pais abrindo mão da disciplina, só porque não querem enfrentar a desaprovação dos filhos! Um filho tem um acesso de raiva e diz:

"Eu te odeio."

Os pais aí cedem.

Quem quer realizar a vontade de Deus na educação dos filhos, terá de deixar os pequenos tiranos ficarem com raiva. Tem de exercitar coragem e dizer:

"Você não me intimida não, menino. É isto que é certo e é isto que você vai fazer."

Esse tipo de coragem também é necessário para edificarmos relacionamentos expressivos com amigos. Às vezes temos de fitar nos olhos da outra pessoa e dizer:

"Será que não está na hora de pararmos de jogar conversa fora e de falarmos sobre o que está acontecendo na nossa vida? Será que não está na hora de nos tornarmos irmãos?"

Poucas são as pessoas que têm a coragem de confrontar uma à outra, batalhando pelo crescimento espiritual do próximo e pela comunhão mútua. Com o passar dos anos, aprendi que, se não tiver coragem, jamais serei bem-sucedido em meu casamento, como pai ou no relacionamento com os amigos.

Coragem Moral

Poderíamos analisar muitos outros tipos de coragem – a profissional, a moral, a coragem para enfrentar situações difíceis. Que medida de coragem precisamos para agir corretamente no mercado de trabalho? Que tipo de coragem é necessário para sermos honestos? Não queremos desagradar nossos clientes, então dizemos: "A encomenda chegará na segunda", quando sabemos que só sairá do fornecedor na quarta. Queremos que todos pensem que somos honestos, e dizemos:

"Eu declaro toda a minha renda."

Na realidade, temos uma gaveta cheia de canhotos de cheques não declarados. O último prazo para a entrega da declaração de renda é uma grande oportunidade para distinguirmos os corajosos dos covardes, porque é nesse dia que a coragem moral atinge o bolso de cada um.

Que nível de coragem é necessário para nos mantermos sexualmente puros numa sociedade movida a sexo? De que medida de coragem precisamos para nos apegar a uma convicção, quando todos no escritório, na escola e na vizinhança dizem:

"Você é idealista demais, careta, um tanto quanto estranho. Na realidade, você é um religioso fanático"?

Como Cultivar Coragem

E como é que alguém se torna corajoso? Basta expressar o desejo de ser assim? Ou fazer uma oração nesse sentido? Agitar uma varinha mágica?

Alguém desenvolve coragem quando *encara os temores que o afligem*. Geralmente acreditamos que os corajosos já nasceram destemidos. Na verdade, eles são pessoas comuns, como eu e você, que em algum momento da vida começaram a encarar seus temores, em vez de fugir deles.

Quando eu era pequeno, meu pai percebeu que eu era tímido. Por isso, ele sempre me desafiava a fazer as coisas que me davam medo. Quando eu estava com mais ou menos doze anos, ele me levava ao estacionamento da nossa firma e gritava:

"Billy, entre naquela carreta e traga-a aqui, entrando de ré."

Eu já dirigia tratores havia alguns anos, mas entrava na cabine daquela carreta de doze metros me arrastando, tremendo de medo. Eu levava até quarenta e cinco minutos, e o cavalo mecânico acabava completamente enviesado em relação à plataforma. Quando eu descia, com os joelhos tremendo, meu pai dizia:

"Gostei de ver."

Quando ele pedisse novamente, já seria um pouco mais fácil.

Costumávamos velejar no lago Michigan. Na volta, na hora de atracar, entre dois píeres de concreto, com ondas enormes arremessando o barco de um lado para o outro, ele às vezes me dizia:

"Preciso ir lá embaixo. Você assume o leme."

Eu sabia muito bem o que ele estava fazendo. Esperava o momento em que eu entrava em desespero, para me dar o comando da embarcação. Sob a ação das ondas, o barco rumava ora na direção do cais de concreto, ora no sentido oposto. Quando finalmente eu conseguia controlar a situação, colocando o barco na posição correta, meu pai aparecia, dizendo:

"Não foi tão difícil assim, foi?"

Na vez seguinte, esse trabalho se tornava um pouco mais fácil.

Meu pai agiu do mesmo jeito quando eu estava aprendendo a pilotar. O aeroporto Meigs é um dos mais perigosos dos Estados Unidos. Está localizado de frente para o lago, no centro de Chicago. Acha-se rodeado de água e é cortado por fortes ventos transversais. Então, é claro, sempre que viajávamos de Kalamazoo para Chicago a negócios, meu pai me fazia pousar no Meigs, mesmo havendo diversos outros aeroportos à nossa disposição. E a cada vez que íamos, o pouso se tornava mais fácil.

Toda vez que encaramos o medo e o vencemos, crescemos um pouco mais. A cada tentativa bem-sucedida, desenvolvemos um pouco mais nosso senso de confiança. Nossa coragem se fortalece à medida que enfrentamos os temores que nos apavoram. *Outra maneira de nos aprimorarmos é nos cercarmos de bons exemplos.* A Bíblia diz que "as más conversações corrompem os bons costumes" (1 Co 15.33). Se passamos o tempo em companhia de pessoas covardes e fracas, acabaremos nos tornando covardes e fracos. Infelizmente, vivemos rodeados de gente que está sempre se acovardando, desistindo da luta, fazendo concessões e evitando arriscar-se. Contudo, se desejamos que nossa coragem se fortaleça, devemos tomar uma decisão consciente e passar a conviver mais com pessoas corajosas. Devemos ler biografias de homens e

mulheres corajosas, artigos sobre coragem e as histórias de personagens bíblicos como Moisés, Daniel, Ester e Paulo que, embora paralisados de medo, fizeram o que tinham de fazer, numa atitude de fé, e cresceram.

Finalmente, crescemos em coragem à medida que permitimos que nossa mente seja transformada. Mais cedo ou mais tarde começamos a entender a importância da coragem nos caminhos da vida. A coragem não é um traço de caráter isolado, opcional. Tampouco devemos vê-la como uma qualidade positiva para quem a deseja mas desnecessária para aqueles que não se interessam por ela. Na verdade, é um traço essencial para o cristão.

Precisamos de coragem para iniciar a caminhada com Jesus, estender a mão e confiar nele. Necessitamos dela também para permanecermos obedientes a Cristo. É preciso ter coragem para vivermos dignamente e edificarmos relacionamentos sólidos com a esposa, os filhos e os amigos. É necessário coragem para ampliar um negócio, mudar de curso na universidade ou começar uma carreira nova. É necessário coragem para sair de casa e também para voltar.

Coragem – todos nós precisamos dela, e Deus quer que a tenhamos. "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder..." (2 Tm 1.7.) Contudo não podemos ficar sentados, esperando que a coragem venha até nós. Temos de buscá-la.

3

Disciplina

Alcançando o Sucesso Através do Adiamento da Auto-Satisfação

Há pessoas que parecem bem-sucedidas em tudo que fazem. São vitoriosas na profissão. Gozam de um bom relacionamento com os familiares. Acham-se envolvidas nas atividades da igreja e da comunidade. São crentes atuantes e em pleno crescimento. E ainda mantêm uma boa forma física. Quando nos aproximamos de gente assim, tentando descobrir como é que conseguem realizar o máximo de seu potencial, logo descobrimos que quase todas possuem uma qualidade fundamental – a *disciplina*.

Por outro lado, há aqueles que colecionam uma vergonhosa gama de reveses, catástrofes e fracassos. Se lhes perguntarmos a razão e eles forem sinceros, provavelmente farão uma avaliação honesta do porquê dessas situações:

"Sabe como é, fui deixando as coisas fugirem ao meu controle."

"Deixei de fazer minhas tarefas."

"Deixei de cumprir as ordens."

"Não cuidei de minha loja como devia."

"Continuei freqüentando o bar."

"Parei com as vendas."

"Não fui perseverante."

"Não cuidei de mim mesmo."

"Não dediquei tempo suficiente à minha família."

"Achei que os problemas se resolveriam por si mesmos."

E por aí vai. A maioria dessas desculpas tem como causa uma evidente falta de *disciplina.*

A disciplina é um dos traços de caráter mais importantes que podemos ter. Trata-se de uma peça-chave no desenvolvimento de qualquer área de nossa vida. E no entanto quantas pessoas realmente disciplinadas conhecemos? Será que podemos citar rapidamente cinco conhecidos que são de fato disciplinados em todas as áreas da vida? Somos disciplinados assim? Das muitas pessoas que Deus me tem permitido conhecer, somente um pequeno número demonstra um alto grau de disciplina. Não que as outras não queiram ser disciplinadas – até querem. Contudo receio que a disciplina seja um dos traços de caráter em risco de extinção.

Em várias pesquisas que realizei, perguntei às pessoas qual o traço de caráter que, no fundo, elas mais gostariam de possuir. Na maioria das vezes, a resposta foi: disciplina. Entretanto existe uma tremenda confusão com relação ao verdadeiro significado de disciplina e à maneira de praticá-la. É difícil encontrar alguém que saiba desenvolver um alto grau de disciplina e colocá-la em prática no dia-a-dia, beneficiando-se com isso.

Então, que qualidade é essa, que não entendemos, e, no entanto, todos queremos mais? Vou propor uma explicação para esse misterioso traço do caráter humano, usando poucas palavras. Além de defini-la, com essa explicação, mostro sua essência e revelo o que realmente se encontra em seu cerne. São palavras fáceis de lembrar. Quem quiser pode pen-

sar nelas algum tempo e depois usá-las numa conversa. Ter disciplina é *retardar a auto-satisfação.*

Primeiro, o Lado Ruim

De acordo com Scott Peck, em seu livro *The Road Less Traveled* (O caminho menos trilhado), "retardar a auto-satisfação é um modo de programar o sofrimento e os prazeres da vida, de forma a acentuar o prazer. Implica começar encarando a dor, para depois vivenciá-la e, por fim, ultrapassá-la".

Ele acrescenta:

"Essa é a única maneira de se ter uma vida bem vivida!"

Concordo inteiramente com suas palavras!

O leitor já deve ter visto um garoto normal, bem-ajustado e disciplinado comendo um pedaço de bolo. Com todo cuidado, ele remove a cobertura e come primeiro o bolo propriamente dito. Quando termina, ele arregala os olhos e ataca a cobertura. Na opinião de um garoto, essa é a maneira correta de se comer um bolo. Vejamos outro exemplo: alguém tomando um sorvete napolitano. Normalmente ele come primeiro o de creme, depois, o de morango, e por último, o de chocolate. Os bons degustadores de sorvete e bolo sabem aumentar o prazer, usando esse princípio do adiamento da auto-satisfação.

Os pais precisam exercer um esforço constante durante anos, para ensinar os filhos a pôr em prática esse princípio. Os mais ajuizados logo acabam descobrindo que, se não terminarem o dever de casa ou ainda tiverem algumas tarefas domésticas para fazer, não desfrutarão bem do jantar e das atividades noturnas. É por isso que os bem disciplinados atacam suas responsabilidades – os deveres escolares e as tarefas – logo que chegam da escola. Terminadas essas obrigações, eles podem desfrutar livremente do resto do seu tempo.

Quando se tornam adultos, entram no mercado de trabalho. Por uma imposição das circunstâncias, eles, conscientemente, principiam pelo degrau mais baixo. Dispõem-se a trabalhar longas horas, às vezes até sem férias, com tarefas repetitivas e salários baixos, porque sabem que se perseverarem nesse nível inicial de desconforto, a recompensa virá. Terão um horário mais flexível, salários melhores, férias, maiores responsabilidades e tarefas mais interessantes. Isso é vivenciar o retardar da auto-satisfação. Programa-se propositadamente a parte mais difícil primeiro, crendo que uma fase muito mais interessante está a caminho. Esse princípio, que se aplica tão bem ao mercado de trabalho, opera também em outras situações.

O retardar da auto-satisfação é importante também para a vida espiritual. Em meu ministério pastoral, ouço muitas pessoas dizerem:

"Uma coisa aprendi através dos anos. Se me disciplino, passando dez ou quinze minutos pela manhã num lugar quieto, buscando uma perspectiva correta para a minha caminhada com o Senhor – anotando alguns pensamentos, lendo a Bíblia, ouvindo uma fita e orando – o resto do dia se torna muito mais agradável."

Atentemos bem para o que esses irmãos estão dizendo. Se saio da cama quentinha enquanto o resto da casa ainda está frio, e invisto meu tempo e energia em algo de valor, o resto do dia será bem melhor. Isso é a aplicação do princípio de retardar a auto-satisfação no tocante à caminhada espiritual.

O Adiamento da Auto-Satisfação no Relacionamento Familiar

A disciplina se aplica também à vida em comum. Os casais que entendem o valor da disciplina, já no início de sua vida em comum, dizem:

"Vamos nos empenhar a fundo nesse casamento desde agora. Enfrentaremos os conflitos assim que surgirem. Não deixaremos que as coisas escapem ao nosso controle. Faremos tudo que for necessário agora, para que o nosso casamento nos traga satisfação mútua."

Isso talvez exija um esforço árduo, e, por vezes, pode ser incômodo e até doloroso. Contudo traz resultados maravilhosos, proporcionando um futuro repleto de satisfação.

Às vezes, eu e Lynne, minha esposa, nos encontramos com casais que estão passando por crise conjugal. Depois de um pouco de conversa, percebemos que até mesmo casais que têm o dobro de tempo de vida em comum que nós, somente agora estão encarando questões que nós procuramos resolver nos dois ou três primeiros anos de casados. Quando tais problemas apareciam, eles se recusavam a encará-los, pois seria muito incômodo. Por isso, eles fingiam que tudo estava bem. Em vez de arcar com um desconforto presente em prol de uma felicidade futura, eles simplesmente deixavam as coisas passar. Por causa dessa falta de disciplina, o mal-estar foi crescendo, a ponto de se tornar intolerável. Teria sido muito melhor se, no começo, eles tivessem dito:

"Vamos encarar as dificuldades agora para, no futuro, desfrutarmos de um período de maior alegria ainda."

O adiamento da auto-satisfação é importante também na criação dos filhos. Muitos pais não se dispõem a fazer os sacrifícios necessários para suprir as necessidades dos filhos. Às vezes uma promoção no trabalho, um programa de TV, ou uma soneca no sofá da sala parecem muito mais atraentes do que brincar de esconde-esconde com o filho de três anos. Não há dúvida: é difícil dedicar-se regularmente, de corpo e alma, à tarefa de dar uma boa criação aos filhos. Contudo

um esforço incansável durante os primeiros anos de vida, nos quais as crianças são mais influenciáveis, geralmente produz uma solidez de caráter muito acentuada. Os pais que têm disciplina para agir assim, confiando que Deus vai dar-lhes a força necessária para não desistir, provavelmente vão desfrutar de um ótimo relacionamento com os filhos durante a vida toda.

Sem Sacrifício Não Há Ganhos

Para se conseguir um bom condicionamento físico é necessário exercitar essa disciplina de retardar a auto-satisfação. Muita gente toma decisões conscientes de renunciar a certas delícias da culinária, porque quer ter satisfação na hora em que sobe na balança. O adiamento da auto-satisfação tem sua compensação quando nos olhamos no espelho, vestindo uma roupa nova. Na academia onde malho, costumamos dizer:

"Por que fazemos isso? Porque temos uma ótima sensação de bem-estar quando encerramos."

Há um pouco de verdade nisso. Quando fazemos todo esse esforço por um período de quarenta e cinco minutos a uma hora, nos sentimos bem com nós mesmos. O tônus muscular melhora. Ficamos mais bem dispostos. Desfrutamos de um bem-estar que dura o dia inteiro.

O mesmo se aplica às finanças. Se existe uma área em que precisamos retardar a auto-satisfação, é a das finanças. Tomar a decisão consciente de não gastar dinheiro com algo que gostaríamos muito de ter, é incômodo e desagradável. Contudo, quando a poupança dá juros e nosso investimento aumenta, dizemos:

"Tomei a decisão certa!"

Se nos lembrarmos das palavras *"retardar a auto-satisfação"*, será fácil entender a disciplina. Uma coisa, porém, é entendê-la. Praticá-la é outra completamente diferente. O

segredo para se praticar a disciplina se resume em quatro palavras – *tomar a decisão antecipadamente*. Vejamos o que quero dizer com isso.

Tomar a Decisão Antecipadamente

Creio que o leitor já se convenceu de que a maneira correta de viver é procurar sempre encarar primeiro o sacrifício e os duros desafios, para depois desfrutar do prazer e das recompensas decorrentes dessa atitude. Com isso em mente, temos de dar um passo importante. É preciso tomar decisões antecipadamente com relação *à maneira* como vamos aplicar a disciplina nas várias áreas da vida.

A esta altura da existência, a saúde física, por exemplo, é muito importante para mim. Minha família tem problemas cardíacos crônicos, tanto do lado paterno quanto do materno. Perdi dois tios de cada lado, com ataques cardíacos, todos quatro com menos de cinqüenta anos. Meu pai morreu aos cinqüenta e três. Quando eu tinha quinze anos, meus exames médicos já começaram a revelar alguns problemas dessa ordem. Por isso, para mim, saúde não é brinquedo! Sei que preciso me cuidar.

Sei que, se quiser ter o prazer de me sentir bem e com boa saúde, preciso suportar o sacrifício de fazer corrida e levantar pesos. Isto é, eu *entendo* a disciplina. Contudo entendê-la somente não basta para que eu melhore minha condição física. Preciso colocar em prática aquilo que já aprendi. Eu *ponho em prática* a disciplina quando tomo, antecipadamente, a decisão de sair do gabinete pastoral às 15:30h, de segunda a sexta, para me exercitar na academia.

Tomei essa decisão há muitos anos, e sempre a anoto em minha agenda. Mesmo assim, todos os dias, perto das 15:15h, meu corpo começa a enviar algumas mensagens:

"Hoje não quero me exercitar. Sinto-me meio dolorido aqui,

um pouco cansado ali. Estou muito ocupado com o trabalho. Na verdade, não quero sair agora, quero?"

Um lado de meu ser não quer se exercitar. Aí começa uma breve discussão:

"É, tenho de ir."

"Ah, mas poderia faltar um dia aqui, outro ali. Mesmo porque, não quero virar fanático."

E por aí vai. Se eu tivesse de tomar a decisão de ir malhar ou não, na hora de ir, tenho certeza de que não me exercitaria com muita freqüência. Com todas aquelas vozes e emoções me pressionando, quando chegasse a hora de pegar minhas coisas e ir para a academia, provavelmente acabaria desistindo na maioria das vezes. Por isso, tomo a decisão antecipadamente. Desse modo, ignoro esses argumentos, por mais persuasivos que eles pareçam.

"Desculpe-me", digo ao meu corpo. "Gostaria de lhe dar ouvidos, mas não há nada que eu possa fazer. Já está decidido. Está na minha agenda. Seus argumentos não vão mudar essa decisão. E ponto final."

Meu corpo talvez reclame, mas acaba me levando à sala de musculação. A prática de tomar a decisão antecipadamente tem se tornado uma maneira segura de implementar a disciplina em minha vida diária.

O Controle das Finanças

Do mesmo modo que o princípio de tomar decisões antecipadamente se aplica à preservação da saúde física, funciona também no planejamento financeiro. Eu e Lynne fazemos nosso orçamento no início de cada ano. Oramos, chegamos a um acordo, e anotamos tudo num papel. Aí, juntos nos comprometemos a observá-lo – isto é, tomamos a decisão antecipada de viver dentro de nosso orçamento, custe o que custar.

Imaginemos agora o que acontece quando chega o dia do pagamento!

"Eu vi um abajur lindo. Era bem do jeito que gostamos. E está em liquidação."

Começamos a sorrir um para o outro.

"Ficaria perfeito naquela mesinha, e iria clarear mais o quarto. Não tenho dúvida, nós *precisamos* dele."

Se não tivéssemos tomado a decisão antecipadamente quanto a nosso orçamento, talvez nos esquecêssemos dele, e compraríamos o abajur na mesma hora. Contudo, como concordamos em viver dentro do orçamento, olhamos o preço e perguntamos:

"Está dentro do orçamento ou não?"

Se não estiver, é uma pena. A decisão já foi tomada. Não relutamos nem tentamos voltar atrás. Vivemos dentro do nosso orçamento.

Os Relacionamentos Pessoais

A prática de tomar decisões antecipadamente é de extrema importância nos relacionamentos. Infelizmente, porém, ela é muito pouco aplicada nessa área. Se marido e mulher, por exemplo, pretendem fortalecer seu casamento e crescer como indivíduos, precisam ficar a sós, pelo menos, uma noite por semana. É o que eu e Lynne chamamos de *noite do encontro*. Há muitos anos, venho incentivando os casais de nossa igreja a reservar semanalmente um tempo exclusivamente para eles. Quase todos concordam que é uma boa idéia, e até mesmo essencial. No entanto poucos a põem em prática com regularidade. Tenho certeza de que aqueles que fazem isso, todos os meses, tomaram uma decisão antecipada. Assumiram um compromisso firme um com o outro. E se, para cumpri-lo, for necessário contratar uma babá, eles contratam. Preparam tudo com antecedên-

cia, para afastar qualquer empecilho ao encontro programado.

E a tomada de decisão antecipada é um fator vital mais importante ainda em nosso relacionamento com Deus. Sabemos que somos salvos pela graça, e não por empenho próprio, nem planejamento, nem disciplina. Recebemos nossa vida espiritual de Deus, sem qualquer esforço da nossa parte, da mesma forma que obtivemos a física. Sem a prática da disciplina, porém, não cresceremos espiritualmente, assim como não cresceríamos fisicamente sem as disciplinas da alimentação, do sono e do exercício.

Quem tem algum interesse em desenvolver todo o seu potencial espiritual, precisa adotar já a prática de tomar decisões antecipadamente também nessa área da vida. Isso é da maior importância. Já aprendi que, para minha vida espiritual se desenvolver, preciso observar três coisas. Primeiro, tenho de participar regularmente dos cultos da minha igreja. Segundo, preciso passar algum tempo, diariamente, a sós com Deus. Terceiro, preciso manter comunhão com outros irmãos, em algum trabalho para o Senhor. Se eu não participar diligentemente dessas três atividades, enfraqueço. Sinto-me espiritualmente frustrado, e parece que Deus não está me usando. Mais cedo ou mais tarde, todo crente acaba descobrindo o que é necessário para crescer espiritualmente – as "doses" mínimas, diárias ou semanais, de um viver espiritual saudável. É aí que entra a disciplina.

Assim que decidimos o que precisamos fazer regularmente para crescer na vida espiritual, temos de começar a tomar decisões antecipadas. Se, para isso, precisamos participar dos cultos do corpo de Cristo, vamos tomar antecipadamente a decisão de ir, e vamos mesmo. Digamos:

"Muito bem. *Estarei* presente à reunião do corpo de Cristo. *Irei* à igreja todos os domingos."

Não devemos esperar que chegue o sábado à noite, quando já estivermos cansados, para perguntar:

"E então? Será que estou realmente disposto a levantar-me amanhã cedo?"

Não perguntemos:

"Quem será que vai pregar? Qual será o tema da mensagem?"

Não olhemos pela janela para ver como é que o tempo está. Vamos à igreja porque decidimos ir.

Da mesma forma, se necessitamos de um tempo diário de comunhão com o Senhor, vamos marcá-lo na agenda e cumpramos o compromisso. Podemos ter esse período devocional pela manhã, ao levantar, ou quando chegamos ao escritório, ou durante o horário de almoço, ou ainda antes de dormir. Podemos usar esses momentos para ler a Bíblia, orar, fazer anotações de cunho espiritual, ou ouvir uma fita – qualquer atividade que fortaleça nossa comunhão com o Senhor. Vamos organizar nosso tempo e atividades da maneira que melhor nos convier. Seja como for, não deixemos o período de comunhão com o Senhor para quando houver disponibilidade. Tomemos antecipadamente a decisão de manter nosso compromisso diário com ele, e vamos cumpri-lo à risca.

Persistindo na Disciplina

Quando alguém decide:

"Vou tirar proveito da disciplina para meu benefício espiritual, cumprindo os requisitos mínimos."

Na verdade, isso significa que essa pessoa está dizendo:

"Farei o que for necessário. Estou disposto a suportar os desconfortos e os sacrifícios iniciais. Mas depois vou usufruir da bênção do crescimento cristão pelo resto da vida."

Ela está tomando antecipadamente a decisão de retardar

a satisfação o quanto for necessário, para atingir as metas almejadas. A isso denominamos disciplina.

A essência da disciplina, portanto, é o adiamento da satisfação. E o segredo para conseguirmos aplicá-la na prática é tomar a decisão antecipadamente. Mas talvez alguém esteja dizendo:

"Não consigo fazer isso sozinho."

Essa pessoa está convencida de que deve retardar a satisfação, e com freqüência tem procurado tomar decisões antecipadamente, mas seus esforços têm sido em vão. Seus elevados propósitos acabam se "derretendo" ao calor da tentação ou da preguiça.

Então temos uma notícia boa. Deus não espera que façamos isso sozinhos. Ele sabe que precisamos de irmãos e irmãs que caminhem conosco. Essa é uma das razões pelas quais os cristãos buscam a Deus como igreja, e não apenas como indivíduos. Se alguém precisa de ajuda para persistir nas decisões tomadas, submeta-se a uma *prestação de contas*. Peça a dois ou três amigos para lhe "cobrar" o cumprimento das decisões. Diga-lhes:

"Tomei decisões antecipadas porque realmente quero a recompensa. Por favor, 'cobre' isso de mim."

Isso é um tremendo auxílio à disciplina. Além disso, Deus diz em sua Palavra que o Espírito Santo nos ajuda a produzir o fruto do domínio próprio (Gl 5.23). Podemos descansar nessa promessa.

E o que é que Ganho com Isso?

A disciplina sem recompensa se torna um peso. Felizmente, uma vida disciplinada tem muitas recompensas. Mike Singletary, jogador do *Chicago Bears* (time de futebol americano), é membro da igreja que pastoreio. Estive na casa dele e fiquei impressionado com a quantidade de equipamentos de musculação que ele possui.

– Mike, disse eu, o *Chicago Bears* já tem muito equipamento de musculação no Halas Hall. Por que você ainda quer ter mais equipamento em sua casa?

– Quero ir além, disse ele. Na hora do jogo, tenho de estar bem preparado. Estou disposto a pagar o preço.

Essa é a razão por que quando Mike chega em casa, após um dia de treinamento duro, desce a escada do porão e vai malhar. O que é que ele ganha com isso? Estar habilitado para jogar num time da liga profissional de futebol americano, chegar à finalíssima e, ser aclamado como o maior jogador profissional do ano em três temporadas consecutivas.

A disciplina nos trará recompensas em qualquer área da vida em que a apliquemos. Na área espiritual, a recompensa é uma vida cristã estável – maturidade, utilidade, satisfação, contentamento. No relacionamento com outros, a recompensa é um casamento bem-sucedido e uma família bem estruturada. A recompensa pela disciplina física é um corpo em forma, aumento de vitalidade, maior resistência às doenças, um plano de saúde mais barato, maiores níveis de concentração e uma auto-estima mais elevada. No plano financeiro, é uma vida livre de dívidas e a satisfação de saber que nosso patrimônio está crescendo.

As recompensas da disciplina são muitas, mas raramente imediatas. Num mundo que clama pelo prazer imediato e pelo caminho fácil, torna-se difícil escolher o caminho da disciplina. Contudo, se obedecermos aos padrões mundanos da satisfação imediata, nunca obteremos êxito na nossa caminhada com o Senhor, nem no nosso casamento, nem teremos um corpo em forma, nem veremos nosso saldo bancário crescer. Entretanto, se suportarmos o sacrifício e nos humilharmos até o pó, o pagamento chegará na hora certa.

Retardar a satisfação. Tomar decisões antecipadamente. Prestar contas. Essas palavras definem disciplina e nos ensinam a

alcançá-la. As recompensas de uma vida disciplinada são enormes, e se encontram ao nosso alcance. Basta que estejamos dispostos a nos esforçar. Meus irmãos, que área de sua vida está carecendo mais de disciplina? Quando é que você vai dar o primeiro passo?

4

Visão

Enxergando Além do Óbvio

Conta-se a história de dois prisioneiros que estavam em uma pequena cela onde só entrava luz por uma pequena janela próxima ao teto. Como era de esperar, ambos passavam quase todo o tempo olhando pela janela. Um deles enxergava as barras – tristes lembranças da realidade, é claro. Com o passar do tempo, seu desânimo, sua amargura, sua raiva e seu desespero foram só aumentando. Ao contrário dele, o outro prisioneiro, olhando através da janela, via as estrelas. A esperança foi aos poucos invadindo o coração desse homem, à medida que ele se imaginava começando uma vida nova em liberdade.

Ambos espiavam pela mesma janela. Contudo, enquanto um deles enxergava as barras de ferro, o outro via as estrelas. E essa diferença de *visão* acabou provocando uma enorme diferença entre a vida de um e a do outro.

Um executivo de sucesso disse-me que, na sua opinião, poucas pessoas de visão estão entrando no mercado de trabalho.

"Existe uma porção de autômatos em nossos escritórios hoje", disse ele. "São pessoas que fazem exatamente o que

lhes mandam, da maneira como mandam – nem mais, nem menos. Sobram 'robôs', mas há escassez de homens com boas idéias. Precisamos de gente com imaginação, que pense muito, que encontre formas de conseguir melhoras e aumentar a eficiência."

O dirigente de uma igreja de uma cidade distante me telefonou para ver se eu poderia indicar um pastor que estivesse disposto a dirigir sua congregação. Deixou bem claro que não queria uma pessoa que viesse apenas para manter o *status quo*.

"Estamos à procura de um pastor com visão", afirmou ele.

Não muito tempo atrás, uma jovem disse-me que estava orando para que Deus lhe mostrasse um homem "que soubesse exatamente o que queria da vida, que estivesse disposto a assumir riscos e que a mantivesse cheia de expectativas". Em outras palavras, ela queria que Deus lhe mostrasse um homem de visão. E acrescentou em tom melancólico:

"Mas acho que não existem muitos homens assim hoje em dia."

Tive vontade de dizer-lhe que ela estava sendo extremamente pessimista, mas não pude. Há muita gente que faz as coisas exatamente como lhes ordenam. Existem milhares de pessoas firmemente comprometidas em manter o *status quo*, mas não há muitos homens de visão.

Por que é Difícil Encontrar Homens de Visão?

A visão, juntamente com a coragem e a disciplina, faz parte da minha lista de traços de caráter ameaçados de extinção. E a razão é simples: ser visionário dá muito trabalho. É bem mais fácil seguir a correnteza e fazer o que é esperado. Toda vez que inovamos em algum aspecto, precisamos de confiança e ousadia. As pessoas de visão erram muitas vezes até chegarem aonde querem, e muita gente se sente incapaz de correr riscos, preferindo a segurança e a tranqüilidade.

Ser visionário exige também muito esforço. Somente com muita disciplina conseguimos sentar à mesa e decidir não levantar dali enquanto não descobrirmos cinco novos meios de fazer alguma coisa, três maneiras novas de melhorar outra, ou ainda duas novas opções para salvar um projeto que está à beira do fracasso. Sem muita persistência, não conseguimos ficar de joelhos até que Deus, de modo sobrenatural, coloque um pensamento inteiramente novo em nossa mente. Dá muito trabalho fazer planos para os próximos seis meses, ou um ano, ou três anos ou cinco anos, seja nos negócios, na família, no casamento ou no ministério. Provavelmente, eles não vão se realizar mesmo, então, por que sonhar? É muito mais fácil enxergar barras de ferro do que estrelas.

Muitos pensam que os sonhos, os planos arrojados, as invenções e repentes criativos estão reservados apenas para escritores, físicos, compositores e artistas. Acham que nada disso é para pessoas comuns, com profissões comuns, nem para famílias comuns e relacionamentos comuns. Creio, porém, que Deus não aprova esse ponto de vista. Acredito que, para ele, a visão, assim como a coragem e a disciplina, é um traço de caráter que qualquer um pode estimular e desenvolver. Para isso, basta que estejamos dispostos a compreender o seu significado real, e nos esforçar para incorporá-la ao nosso viver diário. Qualquer pessoa pode fazer a opção de enxergar ou estrelas ou barras de ferro. Na realidade, todos nós tomamos essa decisão, e muitas vezes ao dia.

Enxergando Soluções

Podemos definir visão de várias maneiras. Apresento aqui três definições que cobrem três aspectos desse importante traço do caráter. Primeiro, *a visão é uma capacidade dada por Deus para enxergarmos soluções possíveis para os problemas do dia-a-dia*. Aqueles que possuem visão caminham em direção

às soluções, e não aos problemas. Há uma grande diferença entre essas duas formas de encarar a vida.

Em Lucas 16.1-9, Jesus conta uma parábola tão estranha que muitos nem procuram entendê-la. É a parábola do "administrador infiel", que lançou mão de "criativas" técnicas de contabilidade. Seu chefe o apanhou com "a boca na botija", e decidiu mandá-lo embora. O administrador, que ainda tinha alguns dias de trabalho pela frente, pensou com seus botões:

"Estou perdido; vou perder o emprego. Trabalhar na terra, não posso; de mendigar, tenho vergonha. Preciso encontrar uma solução para essa situação."

Então ele agiu de maneira inteligente, embora nada ética. Chamou alguns dos que deviam a seu patrão, e perguntou-lhes:

– Quanto você deve ao meu patrão?

– Cem medidas de azeite, respondeu um deles.

– Veja bem, disse o administrador, altere o valor em sua nota, que alterarei aqui também. Escreva aí que você deve somente cinqüenta.

– Puxa, muito obrigado, disse o homem. Você está sendo muito legal comigo. Se algum dia precisar de mim, é só me procurar.

– Tudo bem, eu o procuro, disse o administrador.

Em seguida, ele chamou todos os outros devedores, e repetiu sua generosa oferta.

O que é que esse administrador desonesto estava fazendo? Estava usando o dinheiro da empresa para construir uma reserva de favores pessoais. Isso lhe permitiria arranjar outro emprego ao perder aquele. Seu chefe percebeu o que ele estava fazendo e teve uma reação inesperada – elogiou a habilidade e a sagacidade daquele homem!

Observemos que nem Jesus nem o chefe elogiaram a falsidade, a desonestidade ou a contabilidade "criativa" dele. O

que os dois louvaram foi a visão dele. Diante de tão grave problema, ele não se escondeu, não culpou ninguém, não se pôs a beber, nem se atirou de um penhasco. Pelo contrário, encarou o problema e descobriu uma maneira perspicaz de resolvê-lo. Jesus o elogiou porque, assim que ele enxergou o problema, procurou pensar na solução.

E daí? Todo mundo não pensa numa solução quando encara algum problema grave? Por mais estranho que pareça, não. Quanto mais trabalho com seres humanos, mais percebo que a tendência geral é a de deixar-se dominar pelos problemas e não a de tentar resolvê-los. Uma pessoa vive normalmente, feliz da vida, e, de repente, lhe sobrevém um grande problema. Pode ser relacionado ao trabalho, ao casamento, à família, às amizades, às finanças, à vida espiritual, à saúde física, ou a qualquer outra área. Sua primeira reação é pensar: "Por que eu? Com bilhões de pessoas neste planeta, por que isso foi acontecer logo comigo?" Em seguida, começa a murmurar e a reclamar, porque agora está com um problema sério.

E para ela, não basta sentir-se mal com a situação. Daí a pouco já está ligando para os amigos, para ver se eles vão se compadecer da falta de sorte dela. Depois se ajoelha e fala com Deus sobre o problema, detalhe por detalhe, como se ele não soubesse o que está acontecendo. Em seguida, vira e revira os pensamentos, como uma carne no espeto, como se estivesse convidando a autocompaixão para um banquete. Sem que ela o perceba, sua vida inteira passa a girar em torno daquele problema. Fica sem ação, pois optou por deixar que o problema a dominasse. Não consegue resolvê-lo, nem direcionar a mente para outras áreas da vida. Enfim, essa pessoa *identificou-se* inteiramente com o seu problema.

Ela fez tudo que lhe era possível, exceto, por incrível que

pareça, o que deveria ter feito: empenhar-se na busca de uma solução.

Todas as Coisas São Possíveis

Certa vez, os discípulos de Jesus entenderam que ele dissera que um homem respeitado, de bem, um líder íntegro da comunidade, não poderia ser salvo. Se isso fosse verdade, as chances de eles se salvarem, também, não eram nada boas. Como ainda não haviam se transformado em visionários, perderam logo as esperanças. Não conseguiam enxergar a solução; a salvação estava completamente fora do seu alcance. Cristo olhou para eles e disse:

"Meus caros, vocês estão absolutamente certos. Quando se trata de seres humanos, alguns problemas são insolúveis. Mas, para Deus, tudo é possível." (Mt 19.26 – paráfrase do autor.)

Nosso problema parece maior que a vida, maior que o próprio Deus? Pois não é, não! Sem sombra de dúvida, Deus é maior que qualquer problema que já tivemos ou que venhamos a ter. Toda vez que achamos que um problema não tem solução, estamos zombando de Deus. "Para Deus, tudo é possível." As pessoas de visão enfrentam os mesmos problemas que os outros. Contudo, em lugar de se deixarem dominar por eles, vão à luta buscando uma solução. Têm uma reação imediata ao problema, quase como um reflexo, e dizem:

"Não resta dúvida de que a situação não é boa, mas nenhum problema é maior do que Deus. E agora, antes que fique deprimido, preciso começar a solucioná-lo."

Os visionários, via de regra, em vez de se renderem ao problema, descobrem, com a ajuda de Deus, como devem lidar com seus temores, superando-os.

O cultivo da visão é extremamente importante, pois a vida, em verdade, consiste numa série de problemas, desafios, provações e decepções. Se nos deixarmos vencer pelas dificulda-

des, nosso futuro não será nada promissor. Vamos nos encalhar num problema aqui, noutro ali. Passamos a vida inteira reclamando e brigando inutilmente. Por outro lado, se cultivarmos a visão, ao enfrentar um problema, imediatamente procuraremos maneiras de solucioná-lo. Evitaremos não apenas todo e qualquer tipo de desânimo, mas também descobriremos quanta criatividade e sabedoria Deus deseja dar a seus filhos, que procuram nele a solução dos problemas. Quantas vezes deixamos de dar a Deus o devido valor, pois duvidamos da sua capacidade de ajudar-nos em nossos problemas diários!

Anos atrás, uma senhora me procurou ao final do culto, dizendo que estava desanimada com algo, havia já muito tempo. Fiz-lhe algumas perguntas, e afinal ela desabafou:

– Sabe, estou farta do meu trabalho!

– E que é que a senhora está fazendo para resolver esse problema?

– Não há nada que eu possa fazer, disse ela.

– Muito bem, deixe-me dar-lhe uma tarefa. Vá para um lugar tranqüilo, pegue um lápis e um papel, e escreva cinco possíveis soluções.

Sem pensar a fundo no assunto, citei duas soluções, para ajudá-la a começar. Lembro-me de ter visto nos olhos dela um misto de espanto e incredulidade. Aquela senhora ficara tão mergulhada no problema, e por tanto tempo, que esqueceu que poderia tomar alguma medida para resolvê-lo.

Quatro Passos Para Resolver os Problemas

O leitor deve estar pensando: "Bem se vê que o Bill nunca esteve na minha pele. Se meus problemas pudessem ser resolvidos com essa facilidade toda, eu já teria feito alguma coisa." Admito que nunca estive na sua pele. Não conheço seu patrão, sua esposa, seus filhos, seus amigos, seu médico.

No entanto, como você, também tenho problemas seriíssimos, impossíveis de resolver, humanamente falando. Entretanto não vou me entregar à autopiedade, nem me render aos problemas. Então, pela graça de Deus e com a ajuda de muitas outras pessoas, dou quatro passos resolutos para a solução. São medidas práticas, que talvez possam ajudar o leitor também, quando tiver de enfrentar problemas que parecem insolúveis.

Primeiro, recito para mim mesmo Mateus 19.26: "Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível." Conheço esse texto há muito tempo, mas preciso lançar mão dele toda vez que surge um novo problema. Quando uma solução se mostra inviável, parece que essa verdade foge pela janela. Tenho de buscá-la de volta, agarrando-a com unhas e dentes. Deus é maior que os meus problemas.

Segundo, procuro um lugar onde possa estar a sós, e me apego a outro versículo das Escrituras que me tem causado impacto. "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida." (Tg 1.5.) Obrigo-me a crer que Deus vai cumprir essa sua promessa no meu caso. Se a princípio não consigo, ajo como se estivesse crendo. Digo a mim mesmo:

"Vou agir crendo que esta promessa é verdade."

E digo a Deus:

"Vou dar uma caminhada, e continuarei caminhando até sentir que o Senhor ouviu a minha oração pedindo sabedoria, até ter certeza de que o Senhor vai me ajudar a encontrar uma solução."

Às vezes, a caminhada é longa, mas, por fim, consigo crer.

Terceiro, vou conversar com os irmãos em Cristo que sempre buscam resolver problemas. Não quero estar com pessoas que se limitem a solidarizar-se comigo.

"Coitado do Bill, que problema terrível ele está enfrentando."

Isso não ajuda em nada. Na verdade, me faz sentir bem por algum tempo. Contudo, no dia seguinte, quando acordo, o problema continua o mesmo, do tamanho de uma montanha. É por isso que troco idéias com conhecidos que já tiveram oportunidade de solucionar problemas semelhantes.

Quarto, com espírito de humildade, com oração e receptividade ao Espírito Santo, escrevo quatro ou cinco possíveis soluções para o problema. A seguir, pela fé, começo a pôr uma delas em prática, confiando em Deus para fechar e abrir portas, para revelar outras possibilidades, ou fazer com que surja um fato novo que permita a solução do meu problema. Muitas vezes, tremo ao dar esses primeiros passos, mas prefiro dá-los a ficar encalhado numa situação ruim. Não importa o tipo de problema que enfrentamos – conjugal, financeiro, espiritual, emocional, profissional ou de relacionamento – temos como encontrar uma solução, se estivermos dispostos a ser visionários. Reivindiquemos a promessa de que todas as coisas são possíveis para Deus. Peçamos-lhe sabedoria. Conversemos sobre a situação com amigos sábios. Escrevamos algumas opções, e procuremos aplicá-las pela fé. Isso fará uma tremenda diferença em nossa vida, pois nos colocará no caminho de uma solução.

Enxergando Além do Exterior

É claro que ter visão não serve apenas para solucionar problemas. Em segundo lugar, *visão é a habilidade de enxergar além do exterior das pessoas*. Quem tem visão sabe que vale a pena enxergar além do óbvio, e descobrir o que é que faz com que os outros sejam bem-sucedidos.

Muitas pessoas possuem uma capacidade extraordinária para enxergar o óbvio nos outros.

Alguém diz:

"Ele é arrogante (ou talentoso, ou egoísta, ou vaidoso)."

"Nós também já percebemos isso", respondem os amigos.

Aí trocam sorrisos e comentários sobre sua fantástica percepção comum. A verdade, porém, é que não enxergaram nada além do óbvio. O visionário não se contenta com isso. É muito pouco para ele. Ele enxerga além do exterior, vê a singularidade da pessoa. Olha para o coração, enxerga o caráter, vislumbra as esperanças e contempla os temores que motivam a conduta dos indivíduos.

Jesus demonstrou possuir visão ao mudar o nome de Simão. Tudo que os outros viam em Simão era impetuosidade, agressividade e medo. Jesus, porém, enxergou algo que havia no interior dele. Contemplou um potencial que até então ninguém havia detectado. Simão tinha determinação, uma virtude que nem ele mesmo sabia possuir. E Pedro, na realidade, tornou-se um pilar (Gl 2.9), um líder respeitado e o fundador da igreja em Roma. Sua liderança começa com a visão de Jesus, com sua disposição de enxergar além daquilo que era aparente, de ver o âmago de seu caráter.

Gosto muito de Provérbios 20.5: "Como águas profundas, são os propósitos do coração do homem, mas o homem de inteligência sabe descobri-los." Há uma grandeza no coração dos seres criados segundo a imagem de Deus, mas só quem possui visão pode descobri-la e trazê-la à tona.

Os homens de visão têm uma missão importante a realizar na vida dos outros – olhar além do óbvio, dentro das sombras, tentando descobrir a grandeza que o próprio Deus colocou no íntimo de cada um. Precisamos de *pais* com visão – mães e pais que possam analisar os filhos atentamente, orar bastante, e conversar com eles, com todo cuidado, de modo a descobrir a individualidade de cada um. Precisamos de *esposas* com visão. Muitos de nós, cônjuges, temos fixação pelo

óbvio. Precisamos procurar enxergar o interior de nosso companheiro(a) e sondá-lo bem para encontrarmos jóias escondidas em sua alma.

Precisamos de *empresários* com visão, que tratem seus empregados como seres dignos e procurem, com todo afinco, desvendar as habilidades individuais, atribuindo-lhes as responsabilidades correspondentes. Na igreja, precisamos de *discipuladores* de visão, cristãos maduros que possam enxergar além das falhas de novos convertidos e dizer:

"Enxergo um bom potencial nesse irmão e vou aproveitá-lo."

Também precisamos de *testemunhas* com visão, que possam olhar para os incrédulos que não têm tempo para Jesus e dizer:

"Eu gostaria de saber o que o poder transformador de Cristo pode fazer nessa vida."

E todos podemos cultivar essa visão capaz de enxergar além do óbvio e perceber o que existe no fundo da alma das pessoas. Isso requer tempo – tempo para meditar seriamente acerca do caráter do outro, para conversar com atenção, para orar com persistência pedindo essa visão e uma reflexão silenciosa. Também requer coragem, pois o Espírito Santo pode levar-nos a afirmar algo sobre aquele indivíduo, que ninguém mais enxerga.

Vendo Tudo Como Deus Vê

Vou dar uma terceira definição de visão. Para mim, ela é mais difícil de formular, pois trata-se de um ponto crítico em minha própria vida espiritual. Não sei bem como funciona, e nem sempre sei como ativá-la, mas reconheço que esse tipo de visão é importante. *Visão é uma habilidade dada por Deus para captar um vislumbre de algo que ele quer operar através de nossa vida, se nos entregarmos a ele.*

Certa vez, Deus apareceu a Moisés, e disse:

– Preciso de um líder para o meu povo, que realize uma tarefa vital, mas muito difícil.

Numa atitude de fuga, Moisés respondeu:

– Eis-me aqui, Senhor; envia meu irmão. Ele é muito bem dotado para essa missão. Como ele consegue impressionar! Ele sabe, inclusive, falar em público.

Até aí Moisés não tinha visão de como Deus iria usá-lo.

Tenho de admitir que possuo o mesmo problema de Moisés. Quando me olho no espelho, digo:

"Não sou o tipo de pessoa que Deus usa para operar milagres."

Minha vida não é marcada por grandes feitos. Não existe em mim uma aura de dramaticidade. Sinto-me, via de regra, completamente inútil, e muitas vezes até me pergunto se de fato realizo algo.

De vez em quando, porém – não vou mentir dizendo que isso acontece freqüentemente – quando estou em sintonia com Deus, o Espírito Santo parece sussurrar em meus ouvidos:

"Bill, tire a venda dos olhos. Onde está a sua visão? Você não é grande coisa, mas Deus é. E você é importante para ele. Por que não crê no que prega? Deus se agrada de usar pessoas simples para confundir as sábias. Ele gosta de usar pessoas fracas para surpreender as fortes. E gostaria muito de usá-lo, basta que você creia que tudo é possível."

Alguma vez você também, leitor, já deve ter ouvido Deus lhe dizer:

"Quero usá-lo de maneira proveitosa. É hora de começar a andar em uma nova direção. Quero que mude de profissão (ou que volte a estudar, saia da escola, comece um ministério, inicie uma amizade, descubra uma oportunidade, arranje um emprego, vá para o campo missionário), porque você é

importante para mim. Tenho grandes planos para você, e vou operar em sua vida. Se tão-somente tirar a venda dos olhos, eu o usarei."

Por um instante, você sente um calor em seu coração, e pensa:

"Talvez seja a voz de Deus."

Todavia, nesse ponto, em vez de olhar para as estrelas, você focaliza a visão nas barras de ferro. Diante desse lembrete da realidade, você "desliga" a voz e reprime o Espírito de Deus. E diz:

"Acho mesmo é que vou ficar na minha cela."

E Deus se entristece.

Não posso lhe pedir que faça algo que eu não esteja disposto a fazer. Quero estar mais disposto a dizer:

"Deus, eis-me aqui. Usa-me. Guia-me. Se o Senhor tem algo importante para a minha vida, conte comigo. Eu o seguirei, dando o melhor de mim – tremendo, mas confiando. Quero enxergar as estrelas, e não as barras de ferro. Quero crescer no sentido de ter visão."

5

Perseverança

Mantendo a Firmeza nos Momentos de Maior Desânimo

Vamos relembrar os dez últimos anos de nossa vida. O que foi que abandonamos e de que agora nos arrependemos?

Gostaria de ter terminado o curso médio, a faculdade, ou um curso de pós-graduação?

Queria ter continuado as aulas de canto, de dança, de piano, de outra língua?

Desejaria ter permanecido naquele emprego simples, que mais tarde lhe apresentaria uma oportunidade de promoção?

Gostaria de ter-se empenhado mais para manter o relacionamento com sua primeira esposa?

Queria ter mantido aquela amizade antiga, que terminou quando surgiram momentos difíceis?

Desejaria não ter se afastado de Deus?

A maioria das pessoas pensa em seus erros apenas o estritamente necessário. As Escrituras nos instruem para não vivermos do passado. (Vejamos, por exemplo, Filipenses 3.13,14.) Entretanto vale a pena levar em conta o alto preço que pagamos pela falta de perseverança. Muitos carregam cicatrizes ou feridas profundas por terem desistido de algo

ou de alguém. Muitos são os que olham para seu passado, meneiam a cabeça e perguntam:

"Por que desisti com tanta facilidade?"

A resposta é simples: é infinitamente mais fácil desistir do que perseverar. É bem mais fácil sair com os amigos e jogar bola, que ficar em casa fazendo o exercício de piano. É mais cômodo ficar assistindo à televisão, que fazer um curso à noite. É mais fácil sair da sala durante um debate, do que permanecer intervindo no problema. É mais fácil ficar em casa no domingo lendo o jornal, tomando café de pijama, que acordar toda a família, esperar que se aprontem, enfrentar o trânsito e ir à igreja. É mais fácil fazer o que bem entendemos com a nossa vida que nos prostrar diante de Deus, entregar as rédeas de tudo nas mãos dele e aguardar com paciência, por vezes até se afligindo, que ele a dirija. É mais fácil deixar de seguir a Jesus Cristo, que enfrentar o árduo processo de sujeição diária.

Temos de admitir que normalmente é mais fácil desistir que perseverar. O desistir, porém, acarreta um alto preço e são muitos os que pagaram caro por desistir cedo demais.

Perseverança: o Grande Prêmio

Imaginemos que por ocasião da Semana Santa (época em que era de se esperar que as pessoas estivessem pensando mais em Cristo que em dinheiro), a loteria oferecesse como prêmio um determinado traço de caráter, em lugar de milhões. As filas nas casas lotéricas seriam menores que as habituais, mas ainda assim muita gente iria em busca das dezenas vencedoras.

Na hora do sorteio, curiosos do país inteiro ligariam a televisão e ouviriam a informação de que um balconista de quarenta e quatro anos, de uma cidade do interior, havia

ganhado o prêmio. Um traço de caráter chamado "perseverança", já prontinho. E esse homem – vamos chamá-lo de Herman – aparece e demonstra bastante empolgação. Durante dois dias consecutivos, ele se torna o centro das atenções, sendo entrevistado pelos repórteres. Depois volta à loja onde trabalha, e cai completamente no esquecimento.

Dez anos depois, vamos dar uma olhada em Herman, para saber como é que ele tem vivido. Perguntemos a ele sobre o prêmio. Observemos que ele dá um grande sorriso, ao responder:

"Na época, quase não acreditei. Para falar a verdade, fiquei até bravo, pois a única vez em que acertei as dezenas recebi uma qualidade de caráter em lugar de um cheque de 7 milhões. Naquela ocasião, eu tinha quarenta e quatro anos e ganhava um salário mínimo, porque nunca conseguia me manter no mesmo emprego. Andava sempre procurando promoções imediatas e dinheiro fácil, e assim que surgia alguma dificuldade, eu pedia demissão.

"Desde que ganhei o prêmio da perseverança, entretanto, as coisas mudaram. Mantive-me no emprego da loja e, durante dez anos, dei o melhor de mim mesmo, onde quer que me colocassem. Fui promovido diversas vezes. Hoje sou subgerente. Concluí o segundo grau estudando à noite durante dois anos. Jamais teria conseguido isso antes – desistiria na segunda aula. Mas me mantive firme, pois agora tenho perseverança. Por isso, me orgulho do diploma. Além disso, exercitei a perseverança no meu relacionamento conjugal, que estava por um fio quando ganhei na loteria. Eu e minha esposa temos nos dado muito bem ao longo dos últimos anos. Já estava quase me afastando de Deus, mas voltei a buscá-lo, e hoje gozo de uma vida espiritual abundante. Pela primeira vez na vida, sinto-me bem, graças à perseverança."

Herman não pôde continuar a conversa, pois foi chamado

para atender a um telefonema. Mas concluiu a entrevista, dizendo:

"Olhando para trás, percebo que um cheque de 7 milhões teria me habilitado a desistir de tudo. Provavelmente, teria destruído minha dignidade, talvez até mesmo a minha vida. Contudo essa qualidade chamada perseverança tornou-me um homem feliz e bem-sucedido."

A Geração Imediatista

Tiago 1.12 diz: "Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida..."

Gastamos boa parte de nossas energias tentando fugir das provações, quando deveríamos agradecer a Deus por elas. A adversidade nos ajuda a desenvolver a perseverança, que é uma arma poderosa no arsenal do nosso caráter.

A perseverança, junto com a coragem, a disciplina e a visão, faz parte da minha lista de "Traços de Caráter Ameaçados de Extinção". É que vivemos no meio de uma geração imediatista. Hoje em dia queremos tudo "para ontem". Desejamos sucesso imediato, crescimento instantâneo, soluções rápidas, satisfação conjugal imediata, e até maturidade espiritual instantânea. Se nossas expectativas não são prontamente atendidas, sentimo-nos tentados a desistir. Isso acontece ainda mais com aqueles que têm menos de quarenta e cinco anos de idade. Nos anos sessenta, fomos chamados de "geração do agora", e nada mudou de lá para cá. Abandonamos empregos, os estudos, relacionamentos e buscas espirituais – tudo prematuramente. E nós, cristãos, também pusemos de lado a missão de Deus para nossa vida, antes mesmo de tentar colocá-la em prática. Nós nos tornamos pessoas sem qualquer determinação, por não termos compreendido o verdadeiro sentido da perseverança. E no entanto, ela constitui

um traço de caráter essencial para enfrentarmos os desafios do dia-a-dia.

A perseverança confere sustentação à *coragem*. Um impulso corajoso que dura somente quinze minutos é válido, mas não o suficiente para "chegarmos lá". A perseverança confere força de sustentação à *disciplina*. É importante entender o que significa retardar a satisfação, e tomar decisões antecipadamente. Essas ações, porém, não são instantâneas. A perseverança transforma nossa *visão* em realidade. Sem ela, as visões não passam de castelos no ar. A perseverança é um dos traços de caráter mais importantes, e não é num concurso lotérico que a adquirimos. Não se pode comprá-la, nem pechinchar. Como desenvolvê-la, então?

Os Momentos de Maior Desânimo

Desenvolvemos perseverança aprendendo a suportar com firmeza os momentos de maior desânimo. Quem pratica atletismo sabe muito bem qual é o momento de maior desânimo. Ocorre na vigésima volta, quando o baço está doendo; as pernas, pesadas; a garganta, seca; e a mente, gritando:

"Desista! Chega! Não corra nem mais uma volta, nem meia volta, nem mais um passo!"

Ficamos a ponto de desistir, por causa do esgotamento físico.

Acontece também no trabalho, quando a pressão sobre nossos ombros está aumentando, pela aproximação da data de entrega de uma tarefa. Já estamos exaustos de tanto trabalhar, dando o máximo de nós, e, de repente, aparece o chefe, dando-nos outro serviço. Nesse momento, dizemos com nós mesmos:

"Passou da conta! Não dá mais para continuar. Vou assinar meu pedido de demissão, jogá-lo na mesa do chefe, e cair fora."

Esse é um momento de desistência profissional.

Ocorre, também, numa discussão com a esposa, pela décima vez, sobre o mesmo assunto. Os dois divergem de frente; a frustração vem aumentando semanas a fio. Nesse momento, a esposa diz as palavras mágicas, que acendem o estopim. As emoções explodem. Nosso corpo e nossa mente dizem:

"Desisto! Não dá mais. Vou ligar para o advogado – não vale mais a pena."

Esse é um momento de desistência conjugal.

Os momentos de desistência acontecem também em plena luta para edificação de um caráter firme. Estamos batalhando para vencer um determinado pecado, quando alguém, de quem gostamos muito, faz pouco caso de nossos ideais. Então nos perguntamos se vale a pena continuar lutando, já que ninguém, além de nós, se interessa pela questão. Por que não nos deixamos levar pela moral reinante?

Esse é um momento de desistência moral.

Os momentos de desânimo acontecem até em nossa caminhada com Deus. O Senhor tem operado em nossa vida, e temos experimentado grandes transformações. Sabemos que estamos sob a direção de Deus, no caminho certo. Mas as exigências dele são enormes, e não sabemos se devemos confiar nele – ou em nós mesmos. Começamos a refletir: "Ninguém, além de mim, está fazendo isso. Será que eu sou o único com a mania de confiar em Deus cegamente?" Nessa hora, sentimos o gostinho do fracasso, da rejeição ou do desprezo humano, e dizemos:

"Chega, Deus! Vou parar por aqui mesmo. O Senhor está pedindo mais do que posso dar."

Esse é um momento de desistência espiritual.

Doce Alívio

Existem muitos outros tipos de desistência: educacional, emocional, psicológico, relacional. Na maioria das coisas que

fazemos, há sempre um momento em que tudo que queremos é a doce sensação de desistir. Na época de nossos avós, desistir era considerado um ato vergonhoso. Hoje, porém, chega a ser elogiado.

Reconheço que talvez a perseverança não dê um bom enredo de filme, mas fico irado quando a televisão enaltece uma desistência. Observe a "telinha" – as coisas estão "feias" no trabalho. O empregado está discordando do chefe. Os nervos ficam à flor da pele. A música de fundo se intensifica. A câmera focaliza o empregado e mostra as veias dilatadas de raiva. Depois de um momento de silêncio, ele diz:

"Pra mim, chega!"

A música se intensifica enquanto o homem explode de raiva, e sai batendo a porta. Aí aparecem os patrocinadores enaltecendo a cerveja e o cigarro, e nesse momento, os espectadores suspiram e dizem:

"É exatamente isso que quero fazer um dia com o meu chefe: deixar o emprego 'ao vivo e em cores', na frente de um público gigantesco, com orquestra e percussão."

Outra cena – marido e mulher discutindo. A tensão aumenta. No auge da raiva, ela desfere um tapa no rosto dele, em sincronismo com a sonoplastia, é claro. Ela apronta um escândalo e bate a porta, da mesma maneira que o empregado no episódio anterior. E metade das espectadoras dizem:

"É exatamente isso que quero fazer. Johnny, prepare-se que nós vamos levar um papinho com seu pai. Desta vez, vou mandá-lo embora."

Quando assistimos a esses programas, não nos lembramos de que o homem agora está desempregado, que a mulher está divorciada, e o pequeno Johnny não tem mais pai. Só vemos o *glamour*, o doce alívio de desistir e fugir das situações. Contudo a verdade de Deus é mais penetrante do que nossos valores hollywoodianos. O que ela diz é o contrário:

"Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança..." (Tg 1.12.) "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo." (Mt 24.13.) A música e as luzes não deveriam focalizar aqueles que desistem, mas sim aqueles que, quando pensam que não conseguem dar nem mais um passo, cerram os dentes e dizem:

"Com a ajuda de Deus, vou prosseguir."

Aí, então, os coros celestiais cantam sem parar e o canhão de luz que vem do alto brilha aqui embaixo. É nesse momento que as pessoas comuns, como eu e você, nos tornamos extraordinários, aos olhos de Deus.

É possível, porém, que não recebamos tapinhas nas costas em momentos assim. Com certeza, não escutamos os anjos cantando nem sentimos o calor do canhão de luz de lá do céu. Entretanto, se estamos caminhando com Deus, escutaremos o Espírito Santo sussurrar estas palavras:

"Bem-aventurado aquele que descansa na força de Deus, persevera nas provações e mantém-se firme nos momentos de maior desânimo – porque ele receberá a coroa da vida."

Mantendo-nos Firmes

Quando enfrentarmos a tentação de desistir, devemos avaliar o preço a ser pago, antes de jogar a toalha. Desistir não é fascinante nem aprimora nosso caráter. Deus não chama isso de bênção. Na maioria dos casos, nos arrependeremos para o resto da vida. Contudo, se ao enfrentar uma forte tentação de desistir, nós descansarmos na força de Deus, mantendo-nos firmes, desenvolveremos perseverança.

Quem sabe, talvez você esteja passando um momento de desistência em seu trabalho. Buscou a satisfação imediata, a promoção ou a realização e não conseguiu. Você acha realmente que vai encontrar essas coisas em outro lugar? Recentemente, um de meus colegas de trabalho me disse:

"Tenho certeza de que já quis deixar isso aqui umas cinqüenta vezes. Mas sou grato a Deus porque pela força dele não desisti. Agora estou experimentando mais bênçãos, mais realização, e mais alegria que imaginava. Estou contente de ter permanecido."

Talvez alguém esteja a ponto de desistir do casamento. Tenho vergonha de admitir que, nos primeiros anos do meu casamento, essa possibilidade, por vezes, tornou-se uma opção bastante convidativa. E, creia-me, a culpa não era de Lynne. Felizmente Deus é misericordioso. Encontrei pessoas que nos incentivaram a resolver nossos problemas, e o Espírito Santo operou profundamente em nós. Agora vejo que valeram a pena todos os ajustes, podas, cortes e moldagens que Deus teve de fazer. Há momentos em que olho para Lynne, e digo:

"Ó Senhor, eu teria sido um idiota se tivesse desistido do meu casamento!"

Talvez você esteja enfrentando um momento de grande desânimo na vida espiritual. Freqüentou a igreja por várias semanas, meses e até anos a fio, mas ainda não conhece bem a Jesus Cristo. E fica intrigado porque, quando ora, parece que ninguém está lhe ouvindo. Ademais, também não sente o que todas as demais pessoas dizem sentir. Tudo isso, apesar de a Palavra de Deus dizer que: "Ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6), e "Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o Senhor..." (Jr 29.13,14.) Essas promessas se aplicam a você.

Talvez já tenhamos andado com Deus durante vários anos e estejamos cansados de lutar e de tentar conformar nossa vida à de Cristo. Ou quem sabe nos cansamos da responsabilidade e do peso da liderança. Que vontade de "ligar o piloto automático" e nos tornarmos espectadores,

em lugar de líderes-servos! Mas será que realmente queremos desistir da influência que exercemos na vida de outros e das oportunidades que temos de ministrar para a glória de Deus?

Talvez alguém esteja num dos momentos de maior desânimo de sua vida, cogitando até mesmo dar um fim nela. O suicídio não é a solução. Deus é maior do que qualquer problema que possamos estar enfrentando. O certo é procurar encontrar a porta que ele vai abrir, para que sua vida tome um novo rumo.

Independentemente do motivo que o está impelindo a desistir, eu o convido a pôr à prova a verdade e a fidelidade de Deus, dizendo:

"Senhor, vou continuar em frente, confiando que tu vais me capacitar a manter-me firme neste momento de profundo desânimo, para que eu saia vitorioso de tudo isso."

Bloco de Concreto ou Lenço de Papel?

Para mim, a perseverança é uma qualidade de grande valor. Ela tem me ajudado nas inúmeras vezes em que me senti pressionado, tentado a desistir de meu ministério e voltar ao mercado de trabalho secular. Devido à grande importância que dou à perseverança, costumo dedicar-me a projetos extras, que vão me ajudar a fortalecê-la.

Quando vou correr numa pista, determino sempre, com antecedência, quantas voltas vou dar. Quando atinjo o número proposto, normalmente estou cansado, dolorido e com vontade de parar. É aí, então, que digo:

"Vou dar mais uma volta. Essa tentação de parar não é um bloco de concreto, mas um lenço de papel, e vou rasgá-lo ao meio."

Quando estou de férias, na praia, gosto de praticar *windsurf*. Vou e volto inúmeras vezes, até meus braços fica-

rem ardendo e minhas pernas doendo. Meu único desejo é me jogar numa cama, de tão exausto. É aí que digo a mim mesmo:

"Vou retornar e fazer o percurso mais uma vez."

Quero, novamente, provar para mim mesmo que a tentação de desistir é um lenço de papel e não um bloco de concreto.

Ao preparar um sermão, por vezes chego a ponto de dizer:

"Basta! Minha mente está confusa e já não me ocorre nenhuma idéia nova."

Dou uma volta pelas dependências da igreja, e digo para mim mesmo:

"Vou sentar novamente naquela cadeira, e a tentação de desistir na verdade é um lenço de papel."

Toda vez que resistimos à tentação de desistir, provamos para nós mesmos que ela não é tão forte quanto parece. Com a ajuda de Deus, conseguimos manter-nos mais firmes do que pensamos. E cada vez que nos mantemos firmes, conquistamos uma vitória, tanto no céu como em nossa vida. A perseverança está se fortalecendo em nosso espírito. Da próxima vez, a montanha poderá ser maior, mas estaremos mais armados de perseverança para escalá-la.

As tentações de desistir são dolorosas. Jesus sabe disso melhor que ninguém. Ele suportou todo o seu sofrimento, até a cruz. Quando os soldados puxavam e arrancavam sua barba, esbofeteavam seu rosto e os chicotes marcavam suas costas, o inferno gritava:

"Desista!"

Quando os pregos atravessaram suas mãos, as pessoas que o contemplavam o ridicularizaram e ele já não podia sentir a presença de seu Pai. Nesse momento, sua alma gritava:

"Desista!"

Mas, graças à força que vinha do alto e por decisão pró-

pria, Jesus Cristo, o Salvador, manteve-se firme diante da tentação de desistir e sofreu a morte que possibilitou a salvação de todo ser humano.

Sou extremamente grato a Deus porque embora seja impossível "comprar" a perseverança numa casa lotérica, podemos desenvolvê-la. Sou grato, também, pois cada vez que somos tentados a desistir, o Espírito Santo nos diz:

"Mantenha-se firme – eu lhe darei a força necessária. Esta tentação é um lenço de papel, e não um bloco de concreto."

6

Amor e Compaixão

Andando nos Passos de Outrem

Uma enorme planta que havia em nossa sala de visitas foi atacada por uma praga. Minha esposa, receosa da possibilidade de outras plantas serem atingidas, resolveu desfazer-se dela. Certa manhã, enquanto as crianças estavam na escola, ela cortou todos os galhos e colocou-os em sacos de lixo. Deixou o vaso com o tronco dela na sala, para eu colocar na rua, quando chegasse.

Voltando da escola, as crianças passaram pela sala e viram o tronco cortado. Nosso filho, na ocasião com seis anos, desmanchou-se em prantos:

– Por que a senhora fez uma coisa tão cruel? perguntou ele a Lynne. Tinha mesmo de matar a planta? Doeu quando você a matou? Saiu sangue? Não dava para chamar um médico de plantas?

Lynne precisou de meia hora para explicar tudo e acalmá-lo.

Enquanto isso, nossa filha, então com nove anos, disse aborrecida:

– Todd, ela não passava de uma velha planta caseira que

estava doente. Não fique assim. Estou contente porque a mamãe acabou com aquela feiúra toda. A senhora vai podar mais alguma planta, mamãe? Precisa de ajuda?

Dois filhos, do mesmo pai e da mesma mãe, criados na mesma família, com a mesma dose de amor – no entanto um deles era bem mais terno do que o outro.

Alguns amigos nossos tinham uma cadela que, ao longo de treze anos, lhes tinha sido leal e fiel. Afinal, porém, ficou muito doente e não restava outro caminho, senão sacrificá-la. Contudo a família estava relutando muito em tomar essa atitude. Protelaram o dia fatídico o máximo possível. Num certo final de semana, todos viajaram, exceto o pai. Este, então, reuniu forças para levar o animal até o veterinário. Mais tarde ele me contou:

"Eu a peguei, e levei-a até o carro. Enquanto íamos para o veterinário, ela subiu no banco, colocou a cabeça na minha perna e começou a me cutucar com o focinho. Foi muito difícil entrar com ela no consultório. Depois de sacrificá-la, voltei para o estacionamento, e tive de ficar ali sentado alguns momentos, antes de conseguir ir para o trabalho."

Esse nosso amigo trabalha junto com o irmão. Ao entrar no escritório, este lhe perguntou por onde é que ele havia andado.

– Hoje foi o dia D, explicou. Tive de levar a cadela ao veterinário para sacrificá-la.

Com um ar de incredulidade, o irmão retrucou:

– Você pagou um veterinário para sacrificar a cadela? Por que não a trouxe para mim? Eu teria resolvido o problema com um golpe na cabeça.

Dois irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, criados da mesma maneira; um, dotado de ternura, o outro, de espírito bastante insensível.

Uns Bondosos, Outros Insensíveis

Em Efésios 4.32, Paulo diz: "Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou." Para muitos, não é fácil obedecer a esse mandamento. Há pessoas para quem a ternura parece uma coisa natural. Para outros, porém, é estranha e difícil. Podemos ver isso em lugares públicos, como *shoppings* e aeroportos. Às vezes, vemos uma senhora idosa com dificuldade para carregar sua bagagem ou a sacola de compras, e é comum passarem por ela pessoas com mãos vazias, que poderiam ajudá-la, mas não ajudam. Algumas até fazem cara feia, e dizem:

"Vai andar ou não, vovó?"

É quando aparece uma pessoa compassiva, dotada de ternura, que se dispõe a auxiliá-la.

Na parábola do bom samaritano, Jesus afirma que ser religioso não implica ter um coração repleto de ternura (Lc 10.30-37). Quando o sacerdote e o levita viram o viajante machucado, eles passaram pelo outro lado da estrada, para não se envolverem. Contudo um não religioso, um samaritano, ajudou o ferido, porque possuía um coração repleto de ternura.

Há vários motivos que levam algumas pessoas a serem sensíveis e bondosas, enquanto outras são insensíveis. Um deles é a maneira como Deus criou a cada um de nós. Ele nos fez completamente diferentes uns dos outros. Outras razões para essa diferença são a nossa herança familiar, o temperamento de cada um e as experiências do passado. Tanto a firmeza quanto a ternura são traços importantes do caráter; são os dois lados do amor, ambos necessários.

Dedico este capítulo aos *clones* do Rambo – às pessoas que, como eu, se acham naturalmente nas posições extremas na escala da dureza. Se quisermos ter o caráter de Cristo,

precisamos deixar a ternura se desenvolver em nosso coração. O próximo capítulo, porém, é dedicado aos cristãos ternos, que precisam aprender acerca do amor firme; aprender a falar a verdade, ainda que dolorosa; a agitar relacionamentos que não podem ficar parados; a repreender pessoas, antes que elas naufraguem. Os firmes precisam assimilar a bondade; e os bondosos, a firmeza. Essas duas qualidades são aspectos importantes do amor de Cristo.

O Dilema dos Insensíveis

Se nós, cristãos de coração mais duro, formos sinceros, teremos de admitir que nosso jeito firme de ser pode ferir alguém. Brincamos com pessoas com quem não deveríamos brincar, e, quando percebemos que se ofenderam com a brincadeira, ainda dizemos:

"Puxa! Mas não se pode nem brincar com você?"

Não sabemos ouvir bem. Muitas vezes, quando alguém fala conosco, estamos pensando em outra coisa, ou respondendo mentalmente ao que ele está dizendo. Ficamos admirados porque algumas pessoas são tão fracas e tímidas. Usamos as pessoas e depois nos descartamos delas sem a menor consideração, pois já serviram aos nossos propósitos. Ainda que não o percebamos, os outros afirmam que agimos com superioridade. Sempre achamos que estamos certos, adoramos competir e vencer. A verdade é que lá no íntimo vemos as pessoas de coração terno como emocionalmente fracas ou psicologicamente desequilibradas. Nós não as entendemos.

Contudo, em nossos momentos de reflexão, que, quando muito, ocorrem semestralmente (em geral como resultado de alguma crise), não gostamos nada do que vemos em nosso interior. Isso se reveste de maior gravidade no caso de pessoas salvas por Jesus Cristo. Durante meus raros momentos de introspecção, tenho me perguntado:

"Como é que meu coração pode ser tão insensível? Eu tenho experimentado do amor pessoal de Jesus Cristo por mim. O amor dele tocou a minha alma e me transformou. Sei que o Espírito Santo habita em mim, e está operando em mim, de dentro para fora, para transformar-me num homem mais cheio de amor. Sei que Deus, pela sua graça, colocou-me em uma comunidade onde as pessoas estão procurando ser mais amáveis. Mas continuo ainda tão insensível e tão frio. Que mais é necessário para que meu coração se revista de compaixão? O que é que devo fazer para me relacionar com os outros com mais bondade?"

Uma Visão Deturpada

Logo depois que me tornei crente, percebi que precisava de um abrandamento. Necessitava de ajuda para ser mais amável, carinhoso e de coração sensível para com os outros. Certo dia, ao ler a Bíblia, dei com um episódio em que Jesus curou um cego. Normalmente, quando ele curava, só tocava na pessoa, ou proferia algumas palavras, e a enfermidade passava imediatamente. Mas na história relatada em Marcos 8.22-26, a cura se deu em duas etapas. Jesus tocou os olhos do homem, e perguntou-lhe:

– Você está vendo alguma coisa?

O homem, então, respondeu:

– Vejo pessoas; mas elas parecem árvores, andando.

Jesus tocou-o novamente, e sua visão se tornou perfeita. Aí ele passou a ver tudo de maneira clara, sem distorção.

Embora naquela ocasião eu não entendesse muito de interpretação bíblica, percebi que essa parábola tinha uma mensagem para mim. Eu me "deliciei" com estas palavras: "Vejo pessoas; elas parecem árvores, andando." E pensei:

"Esse é o meu problema. Não vejo as pessoas com clareza. No que me diz respeito, são apenas parte da paisa-

gem. Para mim, elas têm a mesma importância que uma árvore."

Lembro-me de que disse comigo mesmo:

"Quando olho ao meu redor e vejo outras pessoas, não penso: 'Puxa! Ela é uma criação exclusiva do Deus todo-poderoso. A imagem divina está estampada nela. Deus a ama profundamente. Jesus verteu seu sangue por ela. O Espírito Santo está operando dia e noite, para conduzi-la a um relacionamento com o Pai. Ela é muito importante para Deus.' Não penso assim. Para mim, as pessoas não passam de 'árvores andando'."

Nesse momento, ao perceber como minha visão estava distante da visão de Cristo, conscientizei-me de que precisava de uma transformação. Necessitava aprender a enxergar as pessoas como elas realmente são.

Enxergando Tudo com os Olhos de Deus

Conheço muita gente de coração endurecido. São pessoas que geralmente estão correndo. Vão aos mais diversos lugares e são empreendedoras. A adrenalina está sempre elevada. Possuem metas a atingir, quotas a alcançar e acordos a fechar. Para elas, o que estão fazendo é tão importante que só conseguem ver os outros pelo seu próprio ponto de vista, de acordo com seus interesses. E eles não passam de meios para elas atingirem seus propósitos, ou de obstáculos que as estão atrapalhando. Para quem tem um coração insensível, que vive a correr, o ser humano é uma ferramenta a ser usada ou um problema a ser evitado.

As pessoas insensíveis tendem a ver os homens como ganhadores ou perdedores, pesos pesados ou pesos-mosca, vitoriosos ou incapazes, lúcidos ou desequilibrados. Não conseguem perceber que ninguém é um simples objeto – que todo ser que vive, anda e respira é um tesouro inestimável

aos olhos de Deus. Têm dificuldade para compreender que os perdedores e os incapazes são tão importantes para Deus quanto os vencedores e os sobreviventes; que os russos, os cubanos, os líbios e os palestinos são tão importantes para Deus quanto os norte-americanos; que Deus ama os detentos, os homossexuais, os mendigos, tanto quanto os corretores da bolsa de valores, os estudantes de odontologia e os seminaristas.

Todos os seres humanos são amados por Deus, e todos são convidados a receber o perdão pela cruz. Deus está chamando todos os homens para fazerem parte de sua família, por meio de Cristo. Desse modo, todos os que encontramos são irmãos em potencial. Quando compreendemos essa verdade e começamos a enxergá-los pelo que significam para Deus, começamos a nos abrandar e a tratar a todos com amor.

Gente insensível, preste bem atenção. Da próxima vez que você fizer uma grosseria com alguém, só porque essa pessoa é apenas uma garçonete, manobrista, açougueiro ou pedreiro – pare! Para Deus, ninguém "é apenas". Tais indivíduos talvez estejam fazendo um trabalho humilde, mas cada um deles é muito importante aos olhos de Deus. Quem é patrão, e precisa mandar um funcionário embora, não o "despeça" simplesmente. Lembre-se de que ele é importante para Deus. Quem é rapaz solteiro, e acha que deve terminar o namoro com aquela jovem, não a "descarte" simplesmente. Lembre-se de que ela é importante para Deus. E você, que é motorista, da próxima vez que alguém o ofender no trânsito, não revide. Lembre-se de que até mesmo os "cabeças-quentes" são importantes aos olhos de Deus. E devemos tratar esses tesouros de Deus com amor.

Sentindo com o Coração de Deus

Para aprendermos a amar, nós, os de coração duro, precisamos primeiro enxergar tudo pelos olhos de Deus. Temos de

nos colocar no lugar do próximo. Quem tem um coração compassivo faz isso com mais facilidade. Consegue, também, sentir o mesmo que os outros. Já os de coração duro são capazes de olhar para uma pessoa que está magoada, triste e aborrecida e dizer:

"Ela parece estar enfrentando problemas."

Eles têm facilidade para analisar os problemas dos outros, mas não para solidarizar-se.

Alguns anos atrás, eu e Lynne fomos assistir ao filme *A Escolha de Sofia*, um drama psicológico muito emocionante, filmado em parte num campo de concentração da Segunda Grande Guerra. Sentia-me naquela noite como um adolescente num encontro com a garota mais bonita da escola. Comprei pipoca, coloquei o braço em volta do ombro dela, e "curti" a fita.

Passados três quartos do filme, o drama começou a se intensificar. Segurando os dois filhos nos braços, Sofia tinha de escolher qual deles iria dar ao soldado nazista, para ser incinerado.

"Que filmezinho dramático!" pensei com meus botões. "Está demorando demais. Será que ainda tem gente lá fora vendendo pipoca?"

Assim que voltei o olhar para Lynne, percebi que ela estava soluçando, de tanto chorar. Resolvi deixar a pipoca para mais tarde. Ela chorou durante o resto do filme.

Quando estávamos voltando para o carro, percebi que não era hora de brincadeira. Voltamos para casa em silêncio e fomos dormir sem trocar uma palavra sequer. Eu não sabia o que ela estava sentindo. Só dois dias depois foi que ela finalmente pôde falar sobre o assunto.

"Quero lhe dizer por que fiquei tão emocionada", disse. "Eu me imaginei com o Todd em um dos braços, e a Shauna no outro, tendo trinta segundos para escolher qual dos dois

iria viver e qual iria morrer. Como é que eu podia tomar uma decisão daquelas?"

Lynne tinha se colocado na pele de Sofia; mas não apenas isso. Ela havia se colocado nos ossos, na carne e no sangue, também. Durante alguns instantes, ela se tornou a própria Sofia.

O mesmo não aconteceu comigo. O drama se desenrolou e não entrei na pele dos personagens. Só mais tarde vim entender por que minha esposa tinha sido tão atingida pelo filme. As pessoas de coração duro não conseguem empatizar facilmente. Têm de parar alguns instantes e fazer um tremendo esforço para se colocarem na pele dos outros. Precisam pensar muito para saber como é que seria se estivessem na situação de alguém que está enfrentando dificuldades.

Como é que eu me sentiria se fosse paraplégico, incapaz de levantar-me, andar, vestir-me sozinho, dirigir ou até mesmo de arranjar um bom lugar na igreja, quando não há lugar para cadeiras de rodas?

Como é que eu me sentiria se estivesse desempregado, com as prestações do carro para pagar, aluguéis vencidos, e sem condições de sustentar os filhos?

Como me sentiria estando divorciado, sendo viúvo, ou se tivesse perdido um filho ou meu pai?

Como me sentiria se estivesse com câncer, esclerose múltipla, doença de Alzheimer ou até mesmo com AIDS?

Quando damos lugar à empatia, colocando-nos na pele de alguém, o muro de concreto que envolve nosso coração começa a desmoronar-se.

Tratando os Outros Como Cristo nos Trata

É claro que ter coração compassivo não é apenas ter sentimentos. É muito importante começar a enxergar as pessoas

como tesouros de Deus. É essencial desenvolver a empatia. E como é que devemos expressar esses sentimentos? Devo paparicar outros? dar aos pobres tudo que possuo? vender minha casa e me filiar a uma entidade filantrópica? Como age um cristão de coração compassivo?

Em resumo, as Escrituras dizem para tratarmos as pessoas da mesma maneira que Jesus Cristo. Quando oramos, o Senhor ouve atentamente cada palavra. Por que, então, não tratamos nossa esposa, nossos filhos, nossos amigos e nossos colegas de trabalho da mesma forma? Devemos parar, desligar a televisão, afastar-nos de qualquer outra distração e dizer:

"Vou escutá-lo, pois quero realmente ouvir o que você tem a dizer."

Quando nós erramos, Jesus nos levanta, perdoa, e continua a tratar-nos com amor e respeito. Por que não agir da mesma forma com as pessoas com quem convivemos, trabalhamos, temos comunhão? Nos momentos em que nos sentimos sós e inseguros, o Espírito Santo está ao nosso lado, comunicando o amor de Deus. Nos momentos de dificuldade, devemos apoiar e transmitir segurança àqueles que amamos.

Nenhum cristão deve duvidar do amor de Deus. Encontramos evidências disso em toda a Bíblia. "Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei..." (Is 43.4.) "Tenho-vos chamado amigos..." (Jo 15.15.) "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." (Mt 28.20.) "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem." (Sl 103.13.) Deus não quer que seus filhos fiquem na dúvida se ele os ama ou não. Por que, então, não demonstrar nosso amor com freqüência, para que nossa família, amigos e colegas de trabalho saibam o que sentimos por eles?

O que acontecerá se nós, pessoas de coração duro, come-

çarmos a enxergar outros da mesma maneira que Deus? se começarmos a nos colocar na pele dos outros, e a tratá-los da mesma forma que Cristo nos trata? Os resultados seriam inacreditáveis. Depois do espanto inicial, nossa esposa e nossos filhos ficariam tomados de alegria. Nossos colegas de trabalho balançariam a cabeça e diriam:

"O ambiente aqui mudou por completo – que será que aconteceu com esse sujeito insensível?"

As amizades superficiais se transformariam em amizades fraternais. Quando as pessoas descobrirem que é possível encontrar amor no lugar onde adoramos a Cristo, nossas igrejas darão frutos muito mais abundantes.

Graças a Deus por aqueles que naturalmente têm coração terno. Sem eles, nossa vida seria pobre e seca. Graças a Deus, também, pois todos nós podemos nos tornar mais compassivos – mesmo os de coração duro.

7

Amar com Firmeza

Exigir a Verdade em Todos os Relacionamentos

Quem proferiu estas palavras tão duras?

"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas!"

"Guias cegos! Vocês coam um mosquito e engolem um camelo."

"Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça."

"Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície."

"Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno?"

Todos provavelmente sabemos que essas palavras são de Jesus, o bom Pastor, o Salvador, de coração compassivo, manso e humilde. (Ver Mateus 23.13-33 – NVI.) Como é que um homem como ele poderia falar de modo tão rigoroso com pessoas a quem dizia amar? Por que ele pronunciou palavras tão duras?

Jesus disse essas palavras porque eram verdade. São frases pesadas, difíceis de serem ouvidas e absorvidas –

mas verdadeiras. Muitas vezes, devemos dizer a verdade de maneira direta, sem rodeios, para não darmos margem a confusões ou mal-entendidos. Assim evitaremos um perigo maior, que é basear nossa vida em mentiras. Jesus tinha uma preocupação muito grande com as pessoas a quem se dirigia. Ele as amou, e quis que elas se apegassem à verdade, para que não naufragassem, perdendo a vida eterna. Ele estava demonstrando o *amor com firmeza* – uma espécie de amor que geralmente nos faz sofrer, mas que é muito forte.

Ao longo dos anos, eu já ouvi algumas palavras duras:

"Billy, já para o seu quarto. Hoje você não vai jantar. Errar é uma coisa, mas mentir é outra bem diferente."

"Da próxima vez que você falar dessa maneira com sua mãe, pode arrumar um apartamento pra morar sozinho."

"Você sabe que eu o amo, mas não vou me casar com você. Não tem maturidade suficiente."

"Você chama isso de casamento? Eu chamo de 'brincadeirinha' e não vou permitir que você me trate como jornal velho."

"Será que nunca posso discordar de você? Você está sempre certo?"

Eu poderia citar inúmeras outras situações semelhantes. Há momentos em que precisamos dizer a verdade sem rodeios. Felizmente, tenho convivido com pessoas que me amam o suficiente para me impedir de continuar com atitude arrogante, rebelde e desonesta. Foi por isso que arregaçaram as mangas e me confrontaram, fazendo com que eu enxergasse alguns aspectos desagradáveis de minha personalidade. Eram coisas que estavam comprometendo meu caráter e colocando em risco meu relacionamento com eles. É isso que significa amar com firmeza – e amo essas pessoas, por terem demonstrado esse tipo de amor por mim.

Pessoas Compassivas e Amor com Firmeza

O amor compassivo é muito necessário neste mundo cheio de gente de coração de pedra. Precisamos de compaixão, sensibilidade, aprovação e incentivo. Contudo, se essas coisas não vierem acompanhadas de um amor firme, o amor terno pode degenerar e transformar-se num choramingo sentimental. Deste resulta o engano e, mais cedo ou mais tarde, a deterioração do relacionamento.

As pessoas de coração terno vêem o amor firme como algo desnatural, apavorante e até não cristão. Sem sombra de dúvida, ele está muito presente naqueles que, como nós, são por natureza duros de coração. Quando enxergamos um problema de alguém a quem amamos, não hesitamos em "ir fundo". Logo dizemos:

"Você precisa é de uma cirurgia."

Então colocamos a pessoa deitada na mesa e, com um bisturi ou uma faca de passar manteiga, sem fio – não importa qual – extirpamos todas as desculpas exteriores e vamos direto ao âmago da questão. E, se sangrar um pouco, não faz mal, desde que o problema seja resolvido. Mais tarde, faremos a sutura, para que ela se recupere. Se essa pessoa sobreviver à cirurgia, um dia ela nos agradecerá.

Os leitores de coração compassivo já devem até estar com náuseas. Talvez digam consigo mesmos:

"Cirurgia? Bisturi? Sangue? Jamais quero ver isso acontecendo com alguém, nem permito que seja feito comigo. Só desejo é paz e harmonia. Com alguns abraços, talvez os problemas se resolvam automaticamente e a dor desapareça."

Para quem tem coração compassivo e terno, Deus está dizendo:

"Compreendo o teu espírito terno – fui eu quem te criou

assim. Mas se quiseres aprender a amar de verdade, terás de aprender a respeito do amor com firmeza."

Quem Precisa do Amor que Atua com Firmeza?

Tenho um colega que é membro "de carteirinha" desse clube dos compassivos de coração. Ele me disse que só recentemente passou a conhecer o amor com firmeza. Alguns irmãos em Cristo manifestaram esse tipo de amor para com ele, em várias áreas delicadas de sua vida. Alguns meses atrás, sabendo que eu estava preparando um sermão acerca do amor que opera com firmeza, ele me mandou o seguinte bilhete:

"Diga às pessoas de coração terno que, se meus irmãos não tivessem demonstrado um amor firme para comigo, hoje meu relacionamento conjugal não estaria cada vez mais profundo, como está agora. Eu não teria um ministério produtivo, um andar disciplinado na presença de Cristo, uma santa aversão ao pecado, um respeito pelas pessoas a quem chefio. Não estaria com minhas contas pagas e com dinheiro no banco. Contudo, graças à firmeza do amor desses irmãos, desfruto de todas essas coisas. Todos nós precisamos experimentar esse tipo de amor."

Para onde quer que eu olhe, vejo pessoas que precisam do amor que atua com firmeza. Trata-se de gente muito preciosa para Deus, mas que está andando em círculos, atordoada pelas decepções. São casais prestes a separar-se; jovens brincando irresponsavelmente com a sorte; indivíduos de todo tipo andando sem rumo, em meio a aventuras perigosas na busca do prazer. Muitas vezes, ao vermos alguém se autodestruindo, limitamo-nos a roer as unhas ou a torcer as mãos, aflitos. Não dizemos nada, porque não entendemos o amor que atua com firmeza.

É preciso que alguém procure aproximar-se mais dessas

pessoas e dizer-lhes que estão girando em círculos, e não estão indo para lugar nenhum. Alguém tem de lhes dar uma boa sacudidela e dizer:

"Deus tem uma vida melhor para você. Saia desse carrossel e busque nele o rumo certo."

Alguém precisa dizer:

"Eu o amo muito, e não posso deixar sua vida, seu casamento, sua família, seu emprego, sua alma, tudo isso naufragar, sem dizer nada. Então sente-se e preste muita atenção, pois vou dizer-lhe algumas coisas duras. Não gosto de fazer isso, mas preciso, pois são a verdade, e meu amor por você não permite omitir-me, vendo-o prejudicar-se cada vez mais."

Para que se possa entender e expressar esse amor de modo eficaz, são necessárias duas convicções básicas. Primeiro, é essencial crer que dizer *a verdade é mais importante do que calarmos para evitar conflito.* Segundo, devemos entender que *o bem-estar da outra pessoa é mais importante do que a "harmonia" hoje reinante em nosso relacionamento com ela.*

Dizer a Verdade ou Preservar a Harmonia?

As pessoas de coração compassivo fazem de tudo para evitar qualquer tipo de confrontação, mal-estar e discórdia num relacionamento. Vejamos um exemplo no relacionamento conjugal. Há um problema e um dos cônjuges pergunta ao outro:

– O que houve?

Se o outro é compassivo, certamente vai dizer:

– Nada.

O que ele está realmente dizendo é: "Tem algo errado, sim, mas não quero criar problema".

Fazendo a opção de calar-se, em lugar de dizer o que pensa, ele acha que está agindo de maneira nobre quando, na verdade, está cometendo um erro. O problema vai acabar vindo à

tona novamente, e assim será cada vez mais difícil manter a concórdia. Um espírito de descontentamento vai aos poucos tomando conta desse "pacificador", produzindo raiva, depois amargura e, por fim, ódio. O relacionamento vai, literalmente, sucumbindo, apesar da harmonia aparente.

Essa paz a qualquer preço é uma forma de engano vinda diretamente do inferno. Quando sentimos que precisamos dizer a verdade, o diabo cochicha ao nosso ouvido:

"Não faça isso. Ele não vai ouvi-lo. Ela não vai dar a mínima. A bomba vai estourar em sua mão. Vai ser muito doloroso. Só vai piorar as coisas. Não vale a pena."

Se acreditarmos nessas mentiras, é bem provável que mais cedo ou mais tarde nossos relacionamentos se acabem.

Existe um mandamento de Deus que faz os compassivos de coração "tremerem nas bases". É o seguinte: "Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros." (Ef 4.25.) Em primeiro lugar, devemos parar de mentir uns aos outros. Segundo, temos de falar a verdade – "em amor", diz Paulo no versículo 15. É necessário muita coragem para falarmos a verdade, sabendo que, se o fizermos, as ondas de tensão vão balançar o barco do relacionamento. Com o passar do tempo, porém, qualquer outra atitude que não seja a verdade irá minar a integridade de nossos relacionamentos. Um relacionamento baseado na prática do calar-se para manter a paz não dura muito. O amor que se expressa em firmeza prefere dizer a verdade a calar-se para preservar a paz, confiando em Deus com relação às conseqüências.

Uma Falsa Paz

No início de nosso casamento, eu e Lynne resolvemos ficar calados para preservar a harmonia, em vez de dizermos o que cada um achava. A igreja ainda estava começando e eu

tinha muitos problemas no trabalho – falta de dinheiro, de obreiros, de instalações adequadas, e havia muita discórdia entre aqueles que estavam envolvidos no projeto. Lynne também tinha sua quota de problemas. Estava grávida, tínhamos dois pensionistas morando conosco, o que ocupava boa parte do tempo dela. De quebra, ela ainda dava aulas de flauta para ajudar nas despesas da casa. Por causa das turbulências no trabalho e no lar, tínhamos um acordo para quando estávamos juntos:

"Não traga mais problemas."

Contudo nosso sentimento de frustração estava aumentando cada vez mais.

Foi aí que Deus começou a operar no coração de Lynne. Não demorou muito, e um dia minha esposa, que tem um coração compassivo, se dirigiu a mim, quando eu ainda estava na porta, e disse:

– Sente-se. Preciso dizer-lhe uma coisa. Não tenho sido sincera com você. Estou cansada de ser a última a receber sua atenção. Você não tem demonstrado carinho. Não estou gostando do rumo que o nosso casamento está tomando, e não vou tolerar isso.

Não reagi da forma correta. Eu deveria ter dito:

"Estou contente de saber o que se passa em seu coração. Vou mudar meu planejamento e começar a pensar em você, tanto quanto penso em mim."

Em vez disso, porém, reagi de maneira bastante grosseira:

– Além de todos os problemas que tenho tido para iniciar a igreja, você ainda me traz mais esse! Que é que você está querendo, afinal? Quer meu sangue?

Apesar da minha reação, Lynne permaneceu firme. Ela sabia que o nosso relacionamento precisava ser trabalhado, por isso decidiu lutar até que eu abrisse os olhos. Com o passar dos anos, Deus usou o amor firme de Lynne, para que eu

conseguisse enxergar a mim mesmo. Isso lhe permitiu efetuar uma série de "cirurgias" em mim.

Depois que comecei a dar ouvidos a Lynne e a procurar resolver meus problemas, passei a enxergar nela coisas que eu não apreciava. Como já tinha aprendido a importância de ser sempre sincero, resolvi ser transparente com ela.

– Querida, disse, vejo em você um acentuado traço de egoísmo, o que me perturba profundamente.

A doce e compassiva Lynne não disse:

"Obrigada por me falar o que pensa."

Ao contrário, saiu correndo, chorando, e disse:

– Não acredito que você tenha dito uma coisa dessas!

Entrou no quarto e bateu a porta. Foi minha vez de ficar firme. Tivemos ainda alguns meses difíceis. Contudo, com o passar do tempo, ela fez alguns ajustes, como eu já fizera, e o nosso relacionamento voltou a ser tranqüilo. Mas agora era diferente. Não era mais a tranqüilidade falsa, que temos quando evitamos falar tudo. Agora usufruímos da paz de Deus – fundamentada na verdade, paz real e duradoura.

Bem-Estar ou Tranqüilidade

Portanto, para amar os outros como Jesus, precisamos preocupar-nos mais em dizer a verdade e não em fugir dela para manter a harmonia.

Imaginemos uma senhora contemplando pela janela da sala seu filho de três anos de idade, que anda de velocípede no passeio da casa. O coração dela transborda de amor. Ela vai para a cozinha, faz uma limonada bem gelada e leva para ele. Depois toma-o no colo, abraça-o, e lhe diz o quanto o ama. O garotinho não cabe em si de contentamento. A mãe volta para dentro, e ele monta no velocípede e vai para a rua, desobedecendo a uma ordem materna. A mãe olha de novo

pela janela da sala, exatamente no momento em que um carro freia ruidosamente e em seguida segue em frente, desviando-se do seu precioso filho. Ela sai "voando", corre até o meio da rua, e agarra o filho com o velocípede e tudo. Logo que chegam ao jardim da casa, sãos e salvos, põe-se a gritar com o menino e a bater nele.

O garoto fica sem entender o que está se passando com a mãe. Ele acha que ela está ficando maluca, mas resolve não abrir a boca. Contudo a reação dele não é o mais importante. Sua vida estava em jogo. Com essa atitude, a mãe está dizendo:

"Aqueles cinco minutos de alegria, da hora da limonada, nem sequer passaram pela minha mente na hora do perigo, pois era uma questão de vida e morte. Seu bem-estar é muito mais importante do que abraços carinhosos."

Uma das melhores definições do amor firme é: *uma ação que tem em vista o bem-estar da pessoa amada.* Precisamos de gente que ame os outros de tal forma que esteja disposta a arriscar a harmonia dos relacionamentos, dizendo o que é preciso para preservar o bem-estar do próximo.

"Tenho tanto amor por você que não posso ficar calado, vendo-o 'detonar' sua vida dessa maneira."

"Tenho tanto amor por você que não vou fingir que estou contente, enquanto você destrói seu corpo, alimentando-se de forma tão irresponsável, bebendo, fumando e deixando de se exercitar."

"Tenho tanto amor por você que preciso avisá-lo de que o que está procurando não vai encontrar nos bares."

"Tenho tanto amor por você que preciso dizer-lhe que não pode continuar nesse cargo na minha empresa. Parece que ele está causando sua destruição, e não posso permitir que isso aconteça."

Certa vez percebi que um amigo muito querido estava dan-

do à sua vida um rumo perigoso. Então convidei-o para almoçar, e lhe disse:

– Não estou querendo me meter em sua vida, mas estou preocupado com o rumo que ela está tomando.

Ele ficou tão irado comigo que faltou pouco para ele saltar por cima da mesa para me dar um soco. Então, muito "corajoso" que sou, olhei-o bem, e disse:

– Desculpe! Nunca mais toco nisso.

Cumpri a minha palavra, e a vida dele afundou de vez. Ocasionalmente, ainda encontro esse amigo e às vezes lhe digo:

– Falhei com você. Deveria ter ficado grudado em você. Tinha de ter dito: "Pode vir aqui me arrebentar, se isso vai fazer com que você se sinta melhor. Mas vou lhe dizer outra vez que estou preocupado com seu futuro."

Se eu tivesse sido um pouco mais persistente, é bem provável que Deus me tivesse usado para resgatar a vida desse meu amigo. Sempre que agimos em favor de alguém, assumimos um risco muito grande. A atmosfera de cordialidade mútua pode desabar de vez. Entretanto, quando falamos a verdade com amor – principalmente em relacionamentos maduros e fortes – com o passar do tempo, geralmente obtemos resultados positivos. Podemos transformar em tijolos todos os obstáculos que encontramos, e empregá-los na reconstrução desse relacionamento. A compreensão mútua aumenta. Assumimos novos compromissos, e estabelecemos um clima de maior confiança. Todos nós sabemos, porém, que é bem mais fácil escrever e ler sobre essa atitude do que sentar-se com alguém para ter uma conversa franca. A confrontação cristã nos amedronta.

Cuidado com o Depósito de Banana!

Meu pai era sócio de um entreposto de produção agrícola, em Kalamazoo, no estado de Michigan. Nossa folha de pagamento era extensa e heterogênea. Tínhamos carregadores

durões, motoristas de caminhão alcoólatras, vendedores habilidosos e gerentes capazes. Como era de esperar, tal diversidade produzia um bom número de problemas de relacionamento.

Quando eu ainda era criança, observei uma prática curiosa, cuja origem não cheguei a saber. Sempre que era preciso resolver um problema entre dois empregados, levavam-se os dois para o depósito de banana. Às vezes meu pai, ou um dos outros sócios, dizia a um empregado:

"Quero conversar com você no depósito de banana."

Por vezes era um capataz que chamava um carregador e lá se iam os dois para o tal depósito.

O depósito de banana era uma sala com temperatura controlada, que continha até 800 caixas dessa fruta. Era completamente lacrado, e tinha uma porta de aço de 10 cm de espessura. Ninguém do lado de fora poderia ouvir o que se passava lá dentro. Talvez fosse por isso que sempre que se intimava um funcionário a comparecer ao depósito de banana, todos começavam a tremer.

"Ih! não, o depósito de banana, não!"

Ninguém jamais morreu no depósito de banana. E em diversas ocasiões, vimos pessoas saírem de lá abraçadas e sorrindo, após uma discussão. Mesmo assim, todos tinham medo do depósito de banana. Ficavam amedrontados com as conversas francas, cara a cara, que sempre ocorriam nessas idas àquele recinto.

A maioria das pessoas prefere evitar confrontos. Temos uma aversão muito grande por eles. E no entanto são um instrumento de Deus para restaurar a verdadeira paz entre os homens! Jesus diz: "Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão." (Mt 18.15.) Não escondamos os sentimentos. Não interiorizemos as frustrações. Pelo contrário, precisamos ser firmes. Te-

mos de marcar uma conversa franca com nosso irmão e procurar dirimir as diferenças.

Prepare-se Para Ser Firme

Antes de marcarmos uma conversa em que tenhamos de mostrar firmeza com alguém, é importante que nos preparemos para ela. Em primeiro lugar, *devemos esclarecer bem a questão*. Qual é a causa específica do mal-estar que está havendo no relacionamento? É uma montanha ou um montículo? É um problema temporário ou duradouro? É uma dificuldade que se pode evitar, ou é inevitável? Devemos anotar aquilo que nos parece ser a principal causa do conflito.

Em segundo lugar, *examinemos nosso espírito.* Certa vez Jesus disse: "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão." (Mt 7.3-5.) Em outras palavras, se tivermos um espírito crítico, estivermos com raiva e com vontade de acusar, se estivermos ansiosos para ir lá e "fazer barulho", temos de tomar cuidado. Tendo uma atitude dessas, nem mesmo com uma conversa franca, conseguiremos restaurar a paz. Antes de procurarmos o outro, sujeitemos nosso espírito a Deus, dizendo:

"Senhor, ainda não estou preparado. Estou muito irado. Preciso restabelecer o equilíbrio e colocar as coisas no devido lugar. Necessito do teu Espírito Santo para não magoar ninguém."

Em terceiro lugar, *escolhamos cuidadosamente o momento e o local para o encontro*. Se um homem é um torcedor fanático, sua esposa nunca deve marcar uma conversa importante para o intervalo de um jogo de final de campeonato. Da

mesma maneira, um homem nunca deve esperar que sua esposa o ouça com atenção se ela estiver preparando o jantar, ou se o bebê estiver chorando, ou os dois filhos mais velhos, brigando violentamente no cômodo ao lado. A melhor hora para o encontro é quando ambos estiverem fisicamente dispostos, despreocupados, e num lugar onde possam desfrutar de privacidade.

Em quarto lugar, *ore*. Deus faz coisas incríveis quando oramos.

Ser Firme Não Significa Ser Insensível

Quando nos preparamos adequadamente para uma confrontação, já ganhamos metade da batalha. Vencemos a outra metade quando conduzimos a conversa com sensibilidade. Apresento aqui três regras que vão nos ajudar a apresentar nossas queixas de modo claro. A adoção dessas regras não significa que vamos receber agradecimentos profundos, nem abraços efusivos. Contudo, aplicando-as, teremos maior probabilidade de sermos ouvidos e respeitados.

Em primeiro lugar, *comecemos com a afirmação de que temos um sincero interesse em manter o relacionamento*. Se estivermos conversando com nosso cônjuge, devemos dizer-lhe que para nós o casamento é o relacionamento mais importante do mundo e que desejamos que ele se aprimore a cada dia. A um amigo, digamos o quanto prezamos essa amizade. No trabalho, se o diálogo for com um superior, devemos dizer que gostamos de trabalhar com ele. Se se trata de um empregado, vamos afirmar que gostamos de tê-lo em nossa equipe. Em qualquer caso, façamos com que a pessoa saiba que não estamos dando um ultimato, apenas tentando resolver um problema.

Em segundo lugar, *façamos uma explanação cuidadosa do assunto, pelo nosso ponto de vista, sem tom acusatório*. Evite-

mos dizer "Você sempre" ou "Você nunca". Uma esposa talvez diga:

– Você nunca está em casa, Frank!

E o outro pode responder:

– Mentira! Estive em casa, dois anos atrás, no dia 4 de fevereiro. Você está exagerando.

Ela deve dizer:

"Frank, estou me sentindo muito só, abandonada. Sinto-me frustrada e confusa."

Aí ele vai ouvi-la mais atentamente. Pode ser até que esses sentimentos sejam fruto apenas de nossa mente, mas ele não vai poder negá-los. Expliquemos o problema da melhor maneira que pudermos, usando, sempre que possível, afirmações do tipo "eu sinto".

Terceiro, *estimulemos o diálogo*. Depois de demonstrar o que estamos sentindo, devemos perguntar:

"Será que perdi o senso de realidade? Consegui expressar-me de forma clara? Omiti alguma coisa? Ou será que estou sendo hipersensível?"

Como pastor, muitas vezes recebo pessoas que me questionam e confrontam. Quando percebo que ela quer dialogar, acredito na possibilidade de uma solução. Contudo às vezes alguém faz uma acusação e termina dizendo:

"Em suma, vou lhe dar só mais uma chance. Depois, pode morrer."

Aí caio na defensiva. É muito difícil a reconciliação com uma pessoa que toma uma atitude dessas.

Resultados do Amor que Atua com Firmeza

Nós já conhecemos a importância do amor firme. Também nos preparamos cuidadosamente para uma conversa franca e a conduzimos com sabedoria e prudência. Que resultados podemos esperar?

Seria bom se eu pudesse garantir que aquele a quem amamos irá dizer:

"Muito obrigado por trazer isso ao meu conhecimento."

Entretanto não é o que acontece. Talvez batam a porta na nossa cara, ou sejamos demitidos, ou nos digam muitos desaforos. É possível até que acabemos nos dando mal. Contudo, se o nosso relacionamento está baseado no engano, já estamos nos dando mal. Então vamos arriscar. Agitemos as coisas um pouco e vejamos o que Deus faz.

Muito provavelmente aquele que confrontamos vai levar em conta o que dissermos e o relacionamento estará novamente alicerçado em solo firme. É muito difícil resistir-se a uma pessoa humilde e sensível. No entanto isso talvez não aconteça imediatamente. Às vezes precisamos ter vários confrontos para que o processo se complete. O relacionamento pode até piorar, antes de melhorar. Algumas pessoas justificam a continuação do conflito, dizendo:

"Tentei resolver o problema, mas ele nem me ouviu."

Muitas vezes o relacionamento vem se desgastando por meses a fio. Nesse caso, para obtermos a reconciliação, precisamos fazer várias tentativas. Não se pode querer que um problema que perdura há dez anos seja resolvido em uma hora.

Infelizmente, porém, apesar dos nossos esforços, há casos em que o outro se recusa a escutar-nos e o relacionamento parece ficar ainda pior. Sendo assim, podemos tentar uma mediação. Procuremos alguém que goze da confiança e do respeito de ambos. Permitamos que essa pessoa nos ajude na comunicação. Nossa igreja talvez possa ajudar-nos a encontrar um mediador: o pastor, ou membros que têm se dedicado a essa tarefa, algum líder, ou ainda um ancião. Talvez prefiramos a ajuda de um conselheiro profissional. Recomendamos essa opção principalmente nos casos de envolvimento

com drogas e bebidas alcoólicas. A mediação poderá trazer ótimos resultados; sozinhos, provavelmente não o conseguiríamos.

Não podemos, porém, deixar de encarar a realidade. Algumas vezes, o fato de exercitarmos o amor firme traz uma divisão permanente. Paulo disse: "Façam todo o possível para viver em paz com todos." (Rm 12.18 – NVI.) Às vezes, entretanto, isso é impossível. Por motivos os mais variados, ocorre uma separação e cada um vai seguir seu próprio caminho. Quando um relacionamento termina, Deus fica com o coração partido. Contudo a vida neste mundo pecaminoso por vezes é assim. Quando isso acontece, o que nos resta fazer é confessar nossos pecados, nos recompor e seguir em frente pela graça de Deus e com a ajuda dos nossos amigos.

Entretanto o fato é que, quando um relacionamento começa a entrar em crise, muitos desistem sem lutar. Quando se trata de preservar bens, brigamos com unhas e dentes e procuramos a justiça. Contudo, quando o relacionamento acaba, limitamo-nos a lamentar. Isso é uma atitude errada. Na verdade, vale a pena lutar por um relacionamento. Nosso amor precisa ser suficientemente firme para não desistir facilmente.

O amor de Cristo para conosco é o mais compassivo que pode existir. Ele morreu para nos perdoar os pecados e conceder-nos vida eterna em sua presença. Ele nos guia, nos protege, nos conforta e nos alimenta com sua Palavra. Entretanto seu amor também é o mais firme que podemos encontrar. Ele nos conhece bem, e, quando encontra pecado em nosso coração, não hesita em apontá-lo. Ele insiste em mostrar a verdade, por mais dura que ela seja. Ele nos ama demais para permitir que sigamos pelo caminho da autodestruição, sem nos avisar.

O verdadeiro amor é, ao mesmo tempo, compassivo e firme. Nosso desejo é que Deus nos conceda o discernimento necessário para sabermos quando empregar um ou outro, e coragem suficiente para tomarmos as medidas adequadas.

8

O Amor Sacrificial

Dar sem Desistir

Falam muita coisa estranha sobre o amor. Diz-se que ele é algo muito esplendoroso, que é uma flor, uma rosa, um sentimento extremo de bem-querer para com todos. É ainda uma gloriosa oportunidade de atender às necessidades de alguém, produzindo laços miraculosos de solidariedade mútua.

De acordo com o pensamento generalizado dos nossos dias, o importante não é a nossa contribuição para um relacionamento, mas sim o que podemos tirar dele. Segundo essa visão, a parábola do bom samaritano não é bem uma história de amor. Com algumas pequenas modificações, porém, ela até que pode ser vista como tal. Troquemos o viajante ferido por uma loura escultural, aflita porque seu Porsche vermelho está com um pneu furado. Na história contada desse modo, o samaritano (nós) é capaz de trocar o pneu sem ao menos sujar as mãos, nem o terno novinho. A mulher, é claro, fica maravilhada com sua habilidade e força. Trocado o pneu e guardadas as ferramentas, ela puxa cinco notas de $100, lhe dá um beijo bem molhado na boca, e diz:

"Nem sei como lhe agradecer."

Comigo, porém, o amor nunca é assim. Por alguma razão, a parábola original espelha melhor minha realidade. Certa ocasião, por exemplo, era inverno e eu estava voltando para casa de carro, depois de haver malhado na academia. Soprava um vento polar de trinta graus negativos. A certa altura, percebi uma senhora de meia-idade num carro sujo, parado no acostamento, junto a um monte de neve. Tive vontade de passar direto. Eu tinha muita coisa para fazer. Além disso, estava de tênis, com o cabelo molhado, sem o gorro de lã e sem luvas. Contudo ouvi a voz convincente do Espírito Santo dizendo:

"Ame."

Relutando muito, voltei.

O porta-malas dela estava cheio de livros e roupas, por isso tive muito trabalho para achar o macaco. Finalmente o encontrei, mas não sabia como funcionava, e me senti perdido. Quando afinal consegui descobrir como ele operava, minhas mãos já se achavam congeladas e grudaram nele. Depois de levantar o carro, percebi também que não havia chave de roda. Felizmente aquela senhora tinha uma amiga que morava a três quarteirões dali. Conseguimos levar o carro até lá. Ela entrou para tomar um chocolate quente, e eu fiquei na garagem gelada, terminando o serviço. Ela me agradeceu e foi embora. Voltei para o carro penosamente, todo congelado e fui para casa. No caminho, enquanto meu cérebro descongelava, eu dizia:

"Onde está esse amor tão esplendoroso de que eles falam? Se algum dia eu os encontrar, mato."

O Amor Implica Sacrifício

Descobri que o amor está muito mais ligado ao trabalho que à diversão. Tem mais a ver com a condição de servo, do que com a de herói. Quando me proponho a amar, geralmente acabo

dando, em lugar de receber. Amar, inevitavelmente, nos custa algo, normalmente os três bens mais valiosos que possuo: meu tempo, meu vigor e meu dinheiro. E dificilmente partilho esses recursos com outros, pois os tenho em quantidade limitada.

Apresente-me uma maneira de demonstrar amor sem gastar tempo, vigor ou dinheiro, e eu a aceito de imediato! Contudo, se o amor implica sacrifício, eu reluto em me envolver. Talvez por isso alguns cristãos enfatizem os aspectos de diversão, comunhão e realização, sem nunca fazer menção ao sacrifício. É tempo de tirarmos a falsa máscara que o mundo e, por vezes, a igreja, colocaram no amor. Chegou a hora de dizermos a verdade: *o verdadeiro amor é sacrificial.*

O versículo mais conhecido da Bíblia, João 3.16, dá a perfeita definição de amor: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Deus estava preocupado com o bem-estar daqueles que lhe eram preciosos, por isso *deu* – sacrificou – seu único Filho. Quando estamos preocupados com o bem-estar de outros, normalmente temos de nos sacrificar, também. Talvez tenhamos de empregar nosso tempo, nosso vigor e nosso dinheiro, em favor das pessoas. É possível que tenhamos de abrir mão de nossos planos, de nossa independência, ou de nossa privacidade. Para amar como Deus ama, talvez tenhamos de nos separar daquilo que nos é mais precioso, por causa dos outros.

O amor sacrificial é um conceito muito difícil de compreender, pois nossa cultura ensina exatamente o contrário. O tempo todo somos bombardeados com livros, artigos, programas de rádio e de televisão, comerciais e anúncios cujas mensagens dizem:

"Você é o número um. Cuide de si mesmo. Não deixe que os outros tomem seu tempo. Guarde suas energias, junte seus recursos e você será feliz."

Eu ainda não havia percebido o quanto estava mergulhado nos valores distorcidos do mundo até que, no segundo ano de faculdade, fiquei espantado com uma afirmação de um professor. Disse ele:

"A felicidade pessoal nunca vem por meio da satisfação de nossos desejos pessoais."

"Essa afirmação é a mais ousada, mais radical, mais revolucionária que já ouvi", pensei comigo mesmo. "Vai de encontro a tudo aquilo que me ensinaram."

Contudo comecei a perceber que não ia de encontro aos ensinamentos de Jesus. "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á." (Mc 8.34,35.) "Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva... Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos." (Mc 10.43-45.)

O mundo escreve livros com títulos como *Pense e Enriqueça*. Se Jesus estivesse escrevendo para o mercado de hoje, o título de seu livro seria *Ame e Dê Tudo*. Paradoxalmente, quando nos entregamos a Deus e servimos ao seu povo com amor sacrificial, encontramos uma felicidade e uma satisfação que o mundo não conhece.

O Amor Sacrificial no Casamento

Agora vamos ser específicos. Como se aplica o princípio do amor sacrificial no casamento?

De acordo com a visão do mundo, um bom casamento enriquece a vida de cada cônjuge, tornando-a mais plena e gratificante do que seria se não fosse casado. O casamento, portanto, não deve impedir nenhum dos cônjuges de desenvolver todo o seu potencial. Um cônjuge jamais pode colo-

car as necessidades do outro acima das suas. Isso resultaria em perda de identidade. Num casamento assim, se um dos cônjuges percebe que está recebendo menos do que está dando, inicia-se um conflito de poder. Se não houver um acordo quanto aos direitos recíprocos, de modo que eles possam ser preservados, muito provavelmente esse casamento vai se desfazer.

A visão do casamento segundo o mundo enfatiza o máximo de prazer, com o mínimo de sacrifício. Não leva em conta uma possível incapacitação física, nem distúrbios emocionais, dificuldades financeiras ou mesmo a chegada de um filho que requer muitos cuidados. Por causa dessa visão, muitos casamentos têm fracassado e o índice de divórcios aumenta incrivelmente. Sem sacrifício, o amor não dura muito tempo.

A sabedoria de Deus é completamente diferente da do mundo. Em um casamento bíblico, cada um dos cônjuges olha nos olhos do outro e diz:

"Eu o(a) amo, e isso significa que me comprometo a servi-lo(a), a edificá-lo(a) e a encorajá-lo(a). Tenho plena consciência de que terei de empregar tempo, vigor e dinheiro, mas quero colocar os seus interesses na frente dos meus. Eu fico atrás; você vai na frente."

Num casamento bíblico, não existe conflito de poder, em que cada um dos cônjuges busque sair vencedor. Pelo contrário, há um desejo de serviço mútuo. O que cada um está procurando é amar mais, abençoar mais e servir mais. Minha esposa conhece o amor sacrificial. Recentemente eu a levei para jantar e ela me disse:

– Tenho notado que as suas atividades estão aumentando. Talvez eu devesse parar de escrever e me dedicar a proporcionar-lhe mais tranqüilidade.

Tive vontade de dizer:

"Ótimo! E já que se dispôs a isso, que tal coçar minhas costas?"

Contudo contive-me, pois sabia que ela estava me oferecendo um de seus tesouros mais preciosos.

– Não, respondi, o que quero é que você desenvolva seu potencial. Não pare de escrever, não. Talvez eu é que devesse dizer "não" a mais coisas, para que você possa continuar crescendo e desabrochando.

E ali mesmo no restaurante começamos a discutir – não de forma conflituosa, mas edificante.

O amor sacrificial é a espinha dorsal dos casamentos duradouros, mesmo quando provoca uma discussão num restaurante. Ele é também a espinha dorsal das amizades sólidas.

Dando de Nós Mesmos em Favor dos Amigos

O mundo não entende o princípio cristão da fraternidade. De acordo com os conceitos vigentes, devemos procurar amigos que pensem como nós, que tenham o mesmo nível social, que votem nos mesmos candidatos e tenham os mesmos *hobbies* que temos. A convivência com pessoas assim não traz problemas. Elas não vão nos pedir conselhos nem ajuda financeira. Se mantivermos uma distância conveniente, o relacionamento não vai ser prejudicado por compromissos nem por expectativas.

Esse tipo de amizade nos satisfaz até que nos deparemos com algum revés. Se enfrentarmos um problema sério, uma perda trágica ou uma doença grave, logo perceberemos que ninguém nos dá muita importância. Não investimos na vida dos outros, e agora, que chegou a hora de fazer um "saque", descobrimos que não há recursos disponíveis em nossa conta no banco da amizade.

A amizade cristã é diferente. Conhecemos alguns irmãos e resolvemos dar-nos a nós mesmos em favor deles. Investimos

neles nosso tempo, nosso vigor e nossos recursos. Por nos encontrarmos com freqüência, acabamos nos tornando íntimos. Nós nos encorajamos, aconselhamos, desafiamos e repreendemos mutuamente. Nós nos sacrificamos.

Algum tempo atrás, um irmão em Cristo, muito chegado, escreveu-me uma carta que começava assim:

"Estou escrevendo para lhe dizer, entre outras coisas, que tudo o que tenho é seu. Se você e sua família estiverem precisando de alguma coisa, é só falar."

Um colega, certa vez, me disse:

"Sei que, neste exato momento, poderia dar alguns telefonemas para cinco amigos que, se eu precisasse, me dariam um carro, uma ajuda e um lugar para morar. Essa é uma das maiores bênçãos da minha vida."

Um amor sacrificial que tem essa intensidade constitui o alicerce das verdadeiras amizades e dos matrimônios sólidos. Ele ainda traz muitos outros benefícios. Ele é capaz, por exemplo, de mudar a forma de tratarmos nossos colegas de trabalho, empregados e clientes. Pode, também, alcançar muitas outras pessoas na comunidade em que vivemos, melhorando a vida delas.

Quando meu pai escrevia para mim, sempre terminava dizendo:

"Ame aqueles que mais precisam de amor."

E ele viveu na prática suas próprias palavras. Em Kalamazoo, ajudou um cego a abrir um restaurante e batalhou para conseguir abrigo seguro para os sem-teto do centro da cidade. Quando muitos refugiados do Vietnã inundaram o país, ele adotou quatro ou cinco famílias vietnamitas, conseguindo-lhes abrigo, carro e emprego. Além de trabalhar muito, todos os domingos à tarde, durante vinte e cinco anos, ele dirigia um louvor e estudo bíblico no hospital estadual, para cem mulheres mentalmente retardadas. Isso

é que é amor sacrificial. O mundo está precisando disso hoje, mais do que nunca.

Esgotamento Nervoso!

O amor sacrificial tem apenas um problema. Quando nos comprometermos com ele para valer, logo perceberemos que é extremamente desgastante. Depois de nos dar, de servir e nos dedicarmos a outros durante algum tempo, talvez comecemos a sentir-nos desfalecidos, como se não tivéssemos mais nada para dar. Estamos quase "na reserva".

Aqueles que são dotados de muita fibra moral e elevada autodisciplina dizem:

"Embora eu esteja sem condições de amar, vou continuar dando. É o ato que importa, não os sentimentos."

Apesar de eles estarem adotando uma posição correta, normalmente chegam a um ponto em que não apenas se vêem vazios, mas também irados. Sentem raiva de pessoas que são importantes para Deus e, às vezes, do próprio Deus.

Nessa condição, vêem os outros como problemas que precisam evitar. Os telefonemas viram intromissões. Responder cartas, até mesmo dos amigos, acaba sendo uma obrigação penosa. Para eles, uma visita inesperada é um invasor. Qualquer um que já esteve na linha de frente do amor ao próximo certamente já experimentou o seguinte sentimento:

"Não agüento mais saber de sofrimentos, problemas e mágoas de mais ninguém. Quero fugir para bem longe, construir um muro bem alto ao meu redor e me tornar um ermitão."

A essa altura, somos tentados a deixar por completo de amar as pessoas. Muitas vezes ouço crentes dizerem:

"Eu costumava me envolver bastante com os outros. Tinha bons relacionamentos e participava dos ministérios da igreja. Mas estive à beira de um esgotamento nervoso e agora quero distância de compromisso com as pessoas."

Essa é, sem dúvida, uma forma de lidar com o esgotamento nervoso. Contudo existe outra melhor.

Podemos esgotar o nosso "depósito" de amor e depois enchê-lo outra vez. É possível amar as pessoas não só sacrificialmente, mas também com firmeza. O amor para o qual Deus nos chama não é uma corrida de cem metros rasos do amor, mas uma maratona. Para isso, precisamos aprender a nos "reabastecer" quando ficamos sem amor.

O Reabastecimento Espiritual

Em 1 Samuel 30, encontramos um episódio da vida de Davi que é pouco conhecido. Aconteceu antes de ele tornar-se rei, quando ainda era líder de um bando de rebeldes e foragidos. Davi amou, liderou e ajudou muita gente. Serviu a muitos, e faltou pouco para seu amor chegar à exaustão. Seu "tanque" achava-se quase vazio quando os inimigos, numa emboscada, seqüestraram as mulheres e filhos de Davi e de seus homens. Estes, enfurecidos, falavam em depor e até mesmo em matar Davi, que já não tinha forças. Ele teve vontade de deixar sua posição de líder. Estava disposto a abandonar aquele povo. Em suma, já estava saturado. Que é que ele poderia fazer numa hora dessas?

Encontramos a resposta numa frase surpreendentemente pequena: "Davi se reanimou no Senhor..." (V. 6.) Ele se afastou um pouco do povo, que o pressionava ao máximo. Deu as costas a outras oportunidades de servir. Parou, ficou sozinho, e teve uma longa conversa com Deus. Passou alguns momentos aquecendo-se no amor de Deus. Lembrou-se de que "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46.1). Permaneceu algum tempo a sós com Deus, até ver seu vigor espiritual voltar à plena carga.

Jesus também fazia o mesmo. Depois de passar um lon-

go período em contato com o povo, amando, servindo, curando, aconselhando e ensinando, retirava-se para um monte. "E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar..." (Mt 14.23.) "Grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades. Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava." (Lc 5.15,16.) Ele necessitava de momentos a sós com o Pai, para reabastecer-se. É desnecessário dizer que, se Davi e Jesus, vez por outra, precisavam de um reabastecimento espiritual, nós também precisamos.

De alguma forma, necessitamos diminuir o ritmo, sair da roda viva, procurar um lugar solitário e nos reanimar na Pessoa de Deus. Para isso, devemos reservar um período diário para estar a sós com Deus, antes de qualquer compromisso. Falemos com ele e leiamos a sua Palavra. Temos de permitir que Deus revigore nosso espírito. Algumas pessoas conseguem se reabastecer ouvindo música evangélica. Às vezes, quando me sinto esgotado, e tenho de ir a algum compromisso, em vez de escutar comerciais e notícias de catástrofes, ouço música de adoração a Deus. Depois de meia hora, sinto meu espírito reabastecido pelo Espírito de Deus.

Conheço um homem que tira quinze minutos de seu horário de almoço para reabastecer-se espiritualmente. Quase que diariamente, ele fecha a porta de sua sala e lê as promessas da Palavra de Deus. Outros gostam de andar depois do trabalho, adorando a Deus durante a caminhada. Há ainda os que preferem tocar um instrumento, ler um livro evangélico ou cantar para o Senhor. Não existe uma forma única de nos reanimarmos no Senhor. São inúmeras as possibilidades. Temos de tentar até descobrir uma maneira que seja ideal para nós. Quando conseguirmos, estaremos no caminho do amor sacrificial e constante.

O Reabastecimento Emocional

É muito importante atentar para o nível do nosso combustível espiritual, embora ele não seja o único que pode baixar. Devemos também prestar atenção ao nível do combustível emocional. É possível manter-nos reabastecidos espiritualmente e ainda assim sentir-nos incapacitados para amar..

A vida, muitas vezes, coloca diante de nós situações que podem nos esgotar emocionalmente: a morte do cônjuge, um divórcio, uma doença ou lesão, a perda do emprego, a mudança de residência. Até mesmo situações felizes, como uma festa na família ou o nascimento de um filho, podem esgotar nossas energias emocionais.

Algum tempo atrás, um amigo meu teve cinco conversas muito desgastantes num mesmo dia. À tarde, quando saiu do escritório, achava-se bem espiritualmente, mas emocionalmente esgotado. Situações parecidas acontecem com certa freqüência em nosso trabalho. Precisamos despedir alguém ou reestruturar algo. Nosso superior determina que refaçamos um serviço importante. Naquele dia, o computador não funciona. As causas de esgotamento emocional estão presentes também em casa. A pia está entupida e o encanador só poderá vir no final da semana. Todos os nossos filhos contraem catapora. Descobrimos que nosso filho adolescente está usando drogas. Quando o nosso tanque emocional se esvazia, é provável que percamos o interesse pelo bem-estar dos outros, independentemente do nível de nosso combustível espiritual.

Como é que nos reabastecemos emocionalmente? Existem basicamente duas maneiras. A primeira é *descansar*. Algumas pessoas não compreendem isso. Gostam de fazer tudo com rapidez, e, se precisam de um reabastecimento emocional, preferem fazê-lo através de uma pílula ou de uma injeção. Contudo não existem soluções instantâneas. Para reabastecermos

nossas reservas emocionais, precisamos ter calma, parar um pouco, descansar, respirar fundo e esquecer-nos do telefone. Deixemos que a coisa se resolva naturalmente e nos recuperemos, retornando assim ao nosso bem-estar emocional pleno.

A outra maneira de nos reabastecermos emocionalmente é o *lazer*. Há atividades que parecem nos inspirar, fazendo reviver nosso entusiasmo pela vida. Para minha esposa, essas atividades são ler, escrever e tocar flauta. Para mim, é velejar. No seu caso, leitor, pode ser passear com o cachorro, jogar futebol ou tênis. Talvez seja necessário fazer algumas experiências para achar o que é melhor para você. Assim que encontrar algo ideal, você ficará sabendo. Algumas horas dessa atividade, seja ela qual for, irão reabastecê-lo emocionalmente e farão com que volte a amar os outros de modo sacrificial e constante.

O Reabastecimento Físico

Contudo alguém pode estar com suas reservas espirituais e emocionais cheias e ainda assim ter vontade de esconder-se todas as vezes que escutar passos de alguém se aproximando de sua sala. Nesse caso, deve verificar o nível de seu combustível físico.

Numa quarta-feira à noite, na véspera do Dia de Ação de Graças, fui a uma reunião um tanto demorada na igreja. Logo depois, viajei com minha família, de carro, até Michigan. Só fomos dormir às cinco da manhã, mas mesmo assim levantamos cedo para visitar alguns parentes. Naquele dia de Ação de Graças, eu me encontrava bem espiritualmente e minhas condições emocionais eram razoáveis. Fisicamente, porém, achava-me no bagaço.

Naquele dia, toda conversa para mim era como um fardo. Se alguém soltava uma piada, eu tinha de dizer para mim mesmo:

"Não seja mal-educado, Bill – dê uma risada!"

Alguns me procuraram, esperando que eu pudesse dar-lhes conselho acerca de decisões importantes que precisavam tomar. Contudo, embora conversasse com eles, havia uma vozinha dizendo:

"Por que não resolve você mesmo seus problemas? Não vim aqui para dar conselhos. Vim para a ceia de Ação de Graças. Se quiser conversar comigo, ligue para a minha secretária, marcando hora. Tenho certeza de que existe horário disponível em junho do ano que vem."

Tentei de todas as maneiras possíveis disfarçar o que sentia, e sei que não ocorreu nenhum problema familiar. Contudo só me senti melhor já na sexta-feira após haver descansado.

Há muita gente fisicamente esgotada em nossos dias. A maioria não tem a mínima idéia de como sua condição física mina seus esforços para amar os outros. Não percebem que para poder ouvir, servir, confrontar e repreender é preciso vigor físico. Em geral, quem se acha fisicamente esgotado se irrita com maior facilidade. Apresenta, ainda, uma acentuada tendência para adotar atitudes críticas, defensivas e negativas. Nessas condições, é muito difícil amar alguém. E é difícil também ser amado.

Como é que nos mantemos fisicamente em forma? Todos conhecemos três regras básicas: alimentar-se de forma saudável, dormir o suficiente e exercitar-se. A maioria das pessoas exagera no açúcar e na gordura; em conseqüência, muitos estão acima do peso ideal. É por isso também que temos problemas de glicemia. Outro resultado desse quadro são as doenças do coração. Com uma alimentação inadequada, é impossível manter uma boa reserva física.

Além disso, muitos não dão a devida importância ao sono. Se alguém não acorda razoavelmente bem disposto, prova-

velmente não está dormindo o suficiente. Ou pode ser que tome café em excesso durante o dia, e coma uma pizza calabresa à meia-noite. Isso prejudica seu sono.

Para a grande maioria, o máximo que fazem em matéria de exercício é uma caminhada até a máquina de xerox. Dizemos que não temos tempo, ou ânimo, para nos exercitar, embora saibamos que os especialistas já provaram cientificamente que a atividade física ajuda a repôr as energias e diminuir a necessidade de sono.

Quem se acha espiritual e emocionalmente bem, e ainda assim se sente esgotado, deve examinar sua alimentação, sua rotina de exercícios e seu sono. É possível que só precise de algumas (e simples) mudanças em seus hábitos diários para reabastecer seu tanque e se sentir em forma para amar, firme e sacrificialmente.

A Recompensa Pelo Sacrifício

Não é fácil amar de verdade. O preço a ser pago é mais alto do que se imagina. Primeiro, temos de aplicar nosso tempo, vigor e dinheiro. Depois, ainda vamos ter de gastar algum tempo reabastecendo-nos, para podermos continuar gastando nossos recursos. Entretanto a recompensa do amor sacrificial é bem maior do que podemos imaginar.

A Bíblia conta que Pedro, a certa altura de sua vida, começou a questionar se todo o sacrifício que tinha feito valia a pena.

"Então, lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós? Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos,

ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna." (Mt 19.27-29.)

Se nos entregarmos a Deus e ao próximo, o Senhor vai registrar o nosso sacrifício nos arquivos celestiais. Vai derramar sobre nós bênçãos abundantes. Durante algum tempo, vamos ficar maravilhados, ao constatarmos o quanto somos abençoados. Vamos ter espontâneas manifestações de adoração a Deus. De repente, começaremos a cantar:

"Tu satisfazes a minha alma. Tu me dás vida e plenitude."

O falso amor que o mundo conhece não oferece tamanha recompensa. É como disse um professor meu:

"A felicidade pessoal nunca vem por meio da satisfação de nossos desejos pessoais."

Pelo contrário, vem através do sacrifício.

9

O Amor Radical

Quebrando o Ciclo da Hostilidade

Já analisamos o amor sob vários ângulos. Conforme vimos, ele precisa ser firme, também compassivo, e quase sempre requer de nós algum sacrifício. Contudo Jesus mostra ainda uma outra dimensão do amor: "Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas." (Mt 5.39-41.)

Creio que, ao proferir essas palavras, tão conhecidas hoje, o Senhor estava querendo dar uma "sacudidela" em seus discípulos, de modo que eles pudessem conhecer outra faceta do amor cristão. Jesus estava dizendo:

"Meus amigos, vocês já estão entendendo bem o que é seguir-me. Mas para compreenderem melhor o tipo de relacionamento que quero que tenham uns com os outros, é preciso mais uma coisa. Vou explicá-la de maneira prática, clara e direta. Vejam uma ilustração prática sobre o que significa amar como eu amo."

Um Tapa no Rosto

Vejamos como a ilustração de Jesus deve ter parecido estranha para os discípulos. Imaginemo-nos andando pelas movimentadas ruas de Jerusalém. A certa altura, vemos alguns homens numa esquina discutindo política. Como conhecemos alguns deles, aproximamo-nos devagarinho e começamos a ouvir o que estão dizendo. Nesse momento, alguém pede nossa opinião sobre o cenário político de Jerusalém, e logo nos dispomos a expressá-la com extremo entusiasmo. Expomos algumas sugestões que já analisamos bem e que talvez até resolvessem os problemas da cidade. É verdade que algumas delas são um tanto ousadas. Com o canto do olho, percebemos que um de nossos ouvintes está ficando vermelho de raiva. Subitamente ele se adianta e, cheio de indignação, nos dá um tapa no rosto, com o dorso da mão.

Em Jerusalém, naquela época, receber um tapa no rosto era a maior afronta que se podia imaginar. Ainda hoje, quando alguém nos insulta, dizemos:

"Foi um tapa na cara."

Não resta a menor dúvida, fomos publicamente humilhados por uma pessoa ignorante, preconceituosa e arrogante. O rosto ainda está ardendo. A adrenalina está correndo em nossas veias. O termômetro de nossa ira está no ponto máximo. Nossa *honra* está em jogo. Sabemos que, se quisermos, com um único soco, poderíamos deixar aquele indivíduo desmaiado. E dentro de nós, várias vozes estão gritando:

"Bate! Bate! Bate!"

Chegou a hora da verdade. O que vamos fazer? No sermão do monte, Jesus ordena aos seus seguidores que demonstrem *amor radical.* Não revidar o tapa. Não gritar com

ele. Não chutar sua canela. Não o xingar em pensamento. Em lugar disso, temos de olhar diretamente nos olhos dele e lembrar-nos de que, apesar da arrogância e da raiva, ele é muito importante para Deus. E nesse exato momento, Deus está tentando chegar até ele. Na realidade, Deus está procurando servos através dos quais possa demonstrar seu amor por essa pessoa. Por isso, temos de dar um mergulho profundo, ir até aos fundamentos de nossa fé, e encontrar forças para amá-lo. Vamos ter um gesto radical que marque a vida desse homem. Se o fato de apresentarmos a outra face servir para produzir uma marca profunda na alma dele, então vamos apresentar.

Deve ter sido muito difícil para os discípulos assimilarem uma ordenança dessas. Eles eram nascidos e criados numa sociedade oriental, onde revidar uma ofensa sofrida era uma prática normal. Viviam de acordo com as leis do machismo, da coragem e honra masculina. Dar a outra face? Que idéia maluca!

Indo Além dos Direitos Legais

Para entendermos a segunda ilustração de Jesus, precisamos dar uma breve explicação sobre o guarda-roupa do Oriente Médio na época do Novo Testamento. Costumava-se usar diretamente sobre a pele uma túnica, uma peça de roupa interna, de tecido leve. A maioria das pessoas possuía vários conjuntos desses. Sobre essa túnica, usava-se outra peça externa, pesada, quente, folgada – a capa – que tinha dupla utilidade. Durante o dia, servia de paletó ou de jaqueta; à noite, de cobertor.

Naquele clima, se uma pessoa não tivesse a peça externa para se aquecer durante a noite, estaria em maus lençóis. Ela era tão importante que havia até uma lei a respeito dela. Quando dois homens faziam um negócio, um de-

les retinha uma peça de roupa do outro como garantia, até que a transação fosse consumada e a mercadoria, entregue. O costume era exigir-se a interna, pois até os pobres possuíam mais de uma. Normalmente não se usava como garantia a externa, pois era ilegal retê-la durante a noite, mesmo que seu dono tivesse descumprido sua parte no acordo. Quem ficasse com a capa deveria devolvê-la ao pôr-do-sol, pois sem ela seu usuário não teria como proteger-se do frio noturno.

Tendo em vista a importância da peça externa, esse mandamento de Jesus parece muito estranho. Suponhamos que estamos fazendo um negócio com alguém, e, por algum motivo, não estamos conseguindo cumprir nossas obrigações. Se o outro exigir nossa túnica como garantia, devemos dar-lhe, é claro. Contudo temos de ir além. Jesus manda oferecer também a capa. Devemos olhar essa pessoa diretamente e dizer:

"Sei qual é minha obrigação. Trato é trato, e eu não cumpri com a minha parte. Então, tome minha capa, embora, por lei, eu tenha direito de ficar com ela. Para mim, é importante que todos saibam que sou um homem de palavra. Posso passar uma noite sem a minha capa. Será que, além disso, existe algum outro serviço que eu possa prestar à sua família?"

De acordo com Jesus, as exigências do amor radical vão além da lei escrita. O amor jamais se limita a fazer o mínimo exigido pela lei. Ele vai além dela e dispõe-se a servir ao máximo.

A Segunda Milha

O terceiro exemplo de Jesus feria seus ouvintes até ao fundo da alma, pois dizia respeito a uma prática que eles abominavam: *o recrutamento compulsório*. Naquela época, Israel era dominado por Roma. Havia governadores espalhados por todo o império e soldados ocupando as províncias. Um soldado

romano tinha o direito legal de aproximar-se de um civil, a qualquer hora do dia ou da noite, e recrutá-lo, isto é, obrigá-lo a prestar-lhe serviço. O militar poderia forçar qualquer civil a cozinhar, lavar roupas, dar-lhe abrigo ou qualquer outra coisa que ele quisesse.

Os judeus detestavam isso e principalmente quando os soldados os forçavam a carregar malas. Sempre que um destacamento recebia uma nova missão, os soldados apareciam e, ao encontrar um judeu, davam uma pancadinha no ombro dele com a lança, e diziam:

"Carregue a mala e a mochila, e rápido."

Não importava o que o civil estivesse fazendo; ele tinha de parar e obedecer ao militar. Contudo havia um limite. Os judeus odiavam tanto essa prática que os oficiais romanos instruíam seus comandados a limitarem suas exigências. Eles não podiam forçar um judeu a carregar sua bagagem mais de uma milha de cada vez.

Suponhamos que um soldado romano nos segurasse pela gola, empurrasse uma mala pesada contra nossa barriga e dissesse:

"Carrega isso aqui, ó cara."

E aí ele vai andando folgadamente ao nosso lado, chupando uvas, enquanto nos matamos para carregar a mala dele. Como é que Jesus nos manda agir? Ele diz que, quando chegarmos ao final da milha obrigatória, em lugar de jogar a mala com força no chão, na esperança de que algo frágil dentro dela se quebre, em vez de bater na roupa para tirar a poeira e cuspir no chão, demonstrando o nosso desprezo por aquele soldado gentio e sua detestável ordem, mostremos-lhe amor radical. Ao final dessa milha, devemos dizer:

"Deseja mais alguma coisa, senhor? Deus colocou em meu coração amor por todas as criaturas dele, inclusive o se-

nhor, mesmo que não esteja ciente disso. O senhor é tão importante para ele que, para mim, é um privilégio servi-lo. Desse modo, se quiser que eu ande mais uma milha, estou pronto a ir."

Compreendendo Esses Exemplos

De acordo com o ensinamento de Jesus, a grande prioridade do crente deve ser amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento (Mt 22.37-40). A segunda deve ser amar nosso próximo, e todas as pessoas são importantes para Deus. Devemos amar de uma forma radical, não retaliatória, no estilo segunda milha.

Nesses dois mil anos, muita gente tem lido e relido o Sermão do Monte, pedindo que o Espírito de Deus as ajude a compreender e a aplicar em sua vida essas três ilustrações. Os crentes tiram suas próprias conclusões sobre elas. Eu próprio tenho muitas indagações a respeito desses ensinos. E no entanto essas ilustrações têm aplicações gerais bastante claras. Nelas não existe mistério algum.

Um dos princípios que elas ensinam é que o revide não leva a nada. Só serve para perpetuar e intensificar a animosidade. Alguém tem de interromper a violência sem sentido – e Deus quer que esse alguém seja eu.

Outra valiosa implicação desses ensinos é que o amor próprio masculino não é a coisa mais importante do mundo. Temos de aprender a absorver os "tapas" do dia-a-dia – as fechadas no trânsito, as invasões de fila bem na nossa frente, e as interrupções numa conversa. Temos de nos tornar menos defensivos e aprender a absorver algumas agressões, em vez de revidá-las.

Por fim, as ilustrações ensinam claramente que há um grande poder em se andar a segunda milha. Quando ultrapassa-

mos a cota mínima de serviço, indo além do exigido, causamos nos outros efeitos difíceis de esquecer.

A forma de Jesus amar era radicalmente nova. As leis do Antigo Testamento preservavam a justiça com todo cuidado – "olho por olho, dente por dente". Contudo, nesses ensinos, Jesus foi muito além da justiça. Por que será que ele queria que seus discípulos praticassem o amor radical, ao estilo andar a segunda milha, sem retaliação?

Rompendo o Círculo Vicioso

Deus sabe que é necessário o amor radical para se romper o ciclo de hostilidade nos relacionamentos humanos. Esse ciclo começou a se processar no dia em que "se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou" (Gn 4.8), e desde então tem continuado a pleno vapor. Sem dúvida, esse é o primeiro motivo por que Jesus Cristo queria que seus discípulos praticassem o amor radical.

Tenho um amigo que trabalha como socorrista em Humboldt Park, nos arredores de Chicago, um lugar conhecido pelas atividades de suas gangues de rua.

"Você sabe como essas coisas se passam", disse-me ele. "Começa com um pequeno desentendimento. Depois alguém entende que o insultaram e replica com uma linguagem um tanto sarcástica. O sarcasmo provoca uma reação ríspida, que por sua vez gera uma ameaça, e esta um desafio. Nesse momento, entram em cena o brio masculino e as intimidações. Aí, então, vêm os socos, os porretes, as facas e os revólveres. Alguém esfaqueia outro e o sangue corre. Quando tudo termina, sobra um monte de corpos. Aí eles nos chamam, e nós juntamos os pedaços."

Sei como essas coisas acontecem. Já é assim há milhares de anos. E, diga-se de passagem, num ambiente "sofisticado" das grandes cidades, a maioria de nossas hostilidades não

acaba em luta corporal. Termina em guerras frias: separações, desconfiança, alienação, amargura, xingamentos, acusações injuriosas, isolamento e processos judiciais. Embora raramente entremos em luta corporal, podemos causar muito dano a outros, sem sequer amarrotar a roupa.

Para haver harmonia nos relacionamentos humanos, é necessário quebrar esse ciclo de hostilidade. E somente aqueles que são dotados de amor radical, que andam a segunda milha, que abrem mão de qualquer tipo de retaliação conseguem isso. Quando alguém nos agredir ou injuriar, não devemos pagar na mesma moeda. Temos de absorver as injustiças, em vez de revidá-las. Alguém precisa interromper esse interminável ciclo de violência. Deus está dizendo:

"Você pode fazer isto, se estiver disposto a amar de forma radical."

Será que estamos dispostos a ser aquele que rompe o silêncio quando os sentimentos são feridos no relacionamento conjugal? Será que, em nosso local de trabalho, estamos dispostos a dizer: "Desculpe-me – deixe-me ajudá-lo em um dos seus trabalhos, para que sua carga se torne mais leve"? E na escola, estamos dispostos a realizar todas as tarefas de forma alegre e a oferecer-nos para fazer mais, embora – e principalmente – o professor seja chato e exigente? Deus está à procura de pessoas que amem radicalmente, e se apresentem a ele dispostos a isso.

O Amor Radical Como Forma de Evangelizar

Nada deixa uma marca mais profunda na vida de uma pessoa espiritualmente entorpecida que um ato de amor radical. Aí está a segunda razão pela qual Deus nos chama a praticá-lo. Se conhecemos o amor de Jesus Cristo pessoalmente, talvez possamos, de vez em quando, passar noites em claro pensando na maneira de impactar a vida de outros,

para que eles também possam desfrutar dessa bênção que encontramos. Será que deveríamos usar um distintivo na lapela? Ou colocar um adesivo no carro? Ou talvez devêssemos manter uma Bíblia grande bem à vista em nosso escritório. Ou devemos dizer às pessoas que não vamos mais ao cinema nem ouvimos músicas que contêm menções eróticas? Jesus ensina que, se pretendemos deixar uma marca profunda e duradoura em outros, precisamos demonstrar o amor radical. Esse tipo de amor possui um poder tão incisivo que comove até a pessoa mais insensível. Ela não consegue entender por que estamos abrindo mão dos nossos direitos, deixando que alguém tire proveito dessa nossa atitude.

Jesus demonstrou amor radical durante toda sua vida. No fim, ele foi esbofeteado sem abrir a boca. Suportou as pancadas sem xingar ninguém. E quando os romanos enfiaram os pregos em suas mãos e seus pés, ele não se virou para os que o crucificaram para dizer:

"Vocês vão apodrecer no inferno por causa disso!"

Pelo contrário, o que ele disse foi:

"Pai, essas pessoas são importantes para ti. Não leve em conta esse crime. Perdoa-lhes, se for possível."

Quando Jesus morreu, um oficial romano, um homem rude e endurecido, comoveu-se, e clamou:

"Realmente este homem era Filho de Deus!"

Duvido que aquele oficial do exército tivesse ouvido qualquer ensino teológico. Ele foi quebrantado por causa do amor radical, manifesto por Jesus – o amor que anda a segunda milha e não é retaliativo.

Uma Porta Para a Presença de Cristo

O amor radical une a alma daquele que o pratica ao coração de Deus. Essa é a terceira razão pela qual ele nos pede para demonstrá-lo.

Conheço um homem que goza de uma extraordinária comunhão com Deus. Ele não nasceu assim; aprofundou seu relacionamento com o Senhor através da prática do amor radical. Alguns anos atrás, ele e o pai trabalharam como missionários numa terra distante. Alguns representantes de uma seita religiosa perguntaram ao pai se podiam orar com ele. Ele concordou prontamente e marcaram uma data. No dia combinado, apareceu um homem e os dois foram a uma sala privativa para orar. De repente, meu amigo percebeu uma agitação incomum. Correu à sala, e viu o pai ensangüentado no chão. O homem que ali viera, em vez de orar, esfaqueou o missionário, matando-o.

Apesar do sofrimento, o jovem resolveu dedicar-se à tarefa de ganhar o povo daquela seita extremista, que havia planejado o assassinato de seu pai. Seria muito compreensível se ele tivesse abandonado o ministério. Em lugar de deixá-lo, porém, ele expandiu o trabalho que seu pai havia iniciado. E no processo de amar radicalmente aqueles assassinos, aprendeu a sentir a presença e o poder de Cristo de uma forma que jamais experimentara.

Quando levamos tapas, abrimos mão de nossos direitos legais, e carregamos a bagagem de outrem além do necessário, descobrimos que estamos em águas profundas na companhia de Cristo. Ao percebermos a instabilidade do lugar onde estamos pisando, nós nos agarramos ao Senhor. Sentimos o apoio dele em situações em que jamais o sentiríamos, se agíssemos de outra forma. Muitos crentes nunca se soltam do ancoradouro do amor. Têm medo de serem levados para o alto-mar do amor radical, não retaliativo, o amor que anda a segunda milha. E no entanto é aí que a ação se desenrola. É aí que a presença de Deus se manifesta de maneira mais intensa, jamais experimentada por aqueles que permanecem no porto. É aí que todos temos uma visão mais profunda de

Jesus Cristo, o único exemplo perfeito de amor radical, e então ficamos perplexos. É aí, também, que a hostilidade termina e tem início uma paz duradoura.

O amor radical parece não ter lógica. Também não é fácil. Todavia é algo de que o mundo necessita urgentemente, hoje mais do que nunca.

10

O Caráter de Cristo

Um amigo meu pediu-me para fazer palestras para um grupo de acampantes de 10 a 12 anos de idade. Depois que entreguei uma mensagem simples, sobre a maneira de receber a Cristo, um dos garotos aproximou-se e disse:

"Você falou que devemos pedir a Cristo para entrar em nosso coração. Quero fazer isso, mas, antes, você pode me dizer como é ele?"

Percebendo que ele estava querendo uma resposta breve e não um curso de seminário, abri a Bíblia em João 10, e lemos juntos: "O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebata e dispersa. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas." (Vv. 10-15.)

Jesus é um grande mestre. Sabendo que a maioria das pessoas entende melhor as coisas com o auxílio de imagens, ele usou uma figura de si mesmo, apresentando-se como o bom pastor. Compreendendo também, que a maioria das pessoas não entende perfeitamente por que ele quer entrar na vida delas, ele revelou o seu caráter dizendo o que ele *não* é.

Ele Não é um Ladrão

Jesus disse:

"Não sou como um ladrão."

A intenção do ladrão é invadir nossa casa e levar algo de grande valor, que lhe renda um bom dinheiro. É raro ouvirmos falar de um ladrão que entra num lugar e leva apenas alguns panos de prato, dois tapetes e um tubo de pasta de dentes. Em geral, eles procuram jóias, objetos valiosos, obras de arte e equipamentos eletrônicos. Essa é a característica do ladrão – procurar o que tem valor para roubar.

Jesus é justamente o contrário do ladrão. Ele não vem para roubar, mas para dar. Não invade a vida de ninguém; ele fica à porta e bate. Se o convidarmos a entrar, aí ele anda pela casa, colocando tudo nos seus devidos lugares. Ele preenche nossa vida com tudo aquilo que realmente tem valor. Dá-nos propósito, realização, amor, paz, confiança, segurança, um sentido para a vida e até mesmo liberdade.

Muita gente não vê Jesus assim. Temem que Cristo queira invadir a vida delas, roubando-lhes a alegria de viver. Acreditam que ele quer restringir-lhes a liberdade, fazendo de sua vida uma prisão. Suspeitam que ele quer tirar-lhes a oportunidade de ter felicidade, colocando um fim nas aventuras e acabando com as emoções. É comum pessoas me procurarem, dizendo:

– Sinto que Deus quer exercer maior controle em minha vida. Não quero deixá-lo entrar. Estou resistindo a ele.

Normalmente respondo:

– Não se preocupe – você vencerá. Vai conseguir deixar Deus de fora. Bata a porta, coloque grades nas janelas e feche sua mente. Assim vai conseguir detê-lo.

Contudo também lhes digo que elas não conhecem Jesus. Ele não é um ladrão, mas sim o oposto do ladrão. Ele bate pacientemente e espera que abramos a porta. Aí ele entra e enche nossa vida dos bens mais preciosos que existem.

Cristo nos ama com altruísmo. Ele nos ama para poder nos dar bênçãos, e não para que possa obter algo de nós. Se removermos as grades de nossas janelas, abrirmos a porta, escancarando-a bem para que Jesus entre, ele vai encher nossa casa de tudo que é necessário para que ela se torne aconchegante, bonita e agradável para morar.

Os Dois Tipos de Pastores

Vemos, então, que Jesus é um pastor; não um ladrão. Contudo existem dois tipos de pastores – os que são donos das ovelhas e os assalariados. O assalariado trabalha por salário, seja por dia ou por hora, ou por mês, fazendo o que o dono determina. E ele se limita a fazer apenas o necessário para ter direito ao seu pagamento; nada mais além disso. Para o assalariado, o serviço não envolve emoção, nem compaixão, nem sentimento de realização, nem hora extra, nem andar a segunda milha.

Quando eu estava na faculdade, tinha um emprego assim. Trabalhava num abatedouro de aves, cortando os frangos. Era apenas um meio de ganhar dinheiro. Não passava disso. Às vezes, o patrão dizia:

"Bill, amanhã vamos fazer algumas promoções. Será que você pode ficar até um pouco mais tarde, hoje?"

Eu tentava responder educadamente, mas, por dentro, estava pensando:

"Não estou nem me lixando se esse prédio pegar fogo; às cinco da tarde, eu caio fora."

Essa é a postura do assalariado.

A atitude do dono é diferente. Na empresa de meu pai, às vezes, eles tinham de levar uma encomenda de legumes a um ponto distante do país, dentro de um prazo determinado. Nesses casos, ele sempre mandava a mim ou a meu irmão, e não um motorista assalariado. Se houvesse necessidade de arar uma terra numa determinada época, própria para o plantio, também encarregava a mim ou a meu irmão, e não os trabalhadores assalariados. Nós éramos proprietários, por isso nos interessávamos pelo serviço.

Todos os dias, passo de carro numa rua cheia de estabelecimentos comerciais. De segunda a sexta-feira, as lojas estão lotadas. No sábado de manhã, porém, há somente um carro, em frente de cada uma – e parece muito ser o do dono da loja. Por quê? Porque o negócio pertence a ele. Ele provavelmente o construiu com muito esforço, e quer ficar de olho nas estatísticas, no movimento do caixa, nos depósitos e nos extratos bancários. Ele zela pelos seus negócios de uma forma que seus empregados não conseguem entender.

Assim também Jesus cuida de nossos interesses com muito zelo. Somos ovelhas dele, e não de outro. Por isso, ele anda quilômetros e quilômetros para nos conduzir a pastos verdejantes. Ele nos conta e reconta. Protege-nos de perigos iminentes e até deu a vida por amor de nós. Por ser nosso dono e nos amar, Jesus está atento a cada passo que damos. Toda vez que sofremos uma dor ou experimentamos uma grande decepção, ele está vendo. Ele nos ama e fará o que for necessário para manter-nos seguros em seu rebanho.

Filhos, Não Escravos

Como Jesus é o nosso Pastor, podemos nos tornar amigos íntimos dele. "Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhe-

cem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas." (Jo 10.14,15.) Em outras palavras, podemos ter um relacionamento tão íntimo com o nosso Pastor quanto o dele com seu Pai celestial! Que verdade reconfortante!

As Escrituras usam ainda outra figura para nos ajudar a entender a profundidade e o caráter permanente desse relacionamento. Vejamos o ensinamento de Paulo: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados." (Rm 8.14-17.)

Jesus não quer que nosso relacionamento com ele seja baseado em medo, como o de um escravo com o seu senhor. Passado mais de um século desde a abolição da escravatura, é provável que tenhamos esquecido como era degradante a condição de escravo. A maioria das pessoas hoje nunca pertenceu a outro homem, com poderes absolutos sobre sua vida, inclusive com autoridade para feri-la, matá-la ou arrancá-la do convívio da família. Contudo ainda temos patrões com quem nos relacionamos, e por isso sabemos o que significa ter medo.

Alguns anos atrás, eu viajava de avião para Los Ângeles, e me sentei perto de um senhor que trabalhava para uma conhecida multinacional. E ele me disse:

"Sempre trabalhamos com base em metas. Se ultrapassarmos ou excedermos as metas de vendas previstas, permanecemos na companhia. Trabalho lá há onze anos e sempre tenho dado conta do recado. Só que eles elevaram minha meta

no trimestre passado, e acho que não conseguirei atingi-la. Isso significa que meu emprego está em jogo."

Uma pessoa passa onze anos trabalhando com dedicação para uma companhia e, se falhar uma única vez, está despedida! Aquele homem sempre tinha em mente um fato: o valor dele estava ligado ao seu desempenho, que deve melhorar sempre. Não se toleram erros. Jesus Cristo, porém, diz o seguinte:

"Não quero nada disso. Não desejo que o meu povo seja um bando de escravos amedrontados. Não quero que pensem que os amo com base no que eles podem fazer por mim. Meu anseio é que saibam que os amo pelo que eles são – filhos adotivos de Deus, meus irmãos. Não precisam ter medo de serem expulsos dessa família, mesmo que tenham cometido erros. Desejo que saibam que fazem parte dela para sempre."

Nosso Pai Adotivo

Há alguns anos, eu e Lynne acolhemos um garoto de oito anos e uma menina de três. Os pais bebiam muito e se divorciaram. Por causa disso, essas crianças tinham passado de casa em casa. Eles ficaram conosco vários meses, e criamos amor por eles. Comprei um carro de brinquedo para o menino montar e ele adorou. Trabalhou nisso duas semanas. Quando estava terminando os últimos detalhes, eu lhe disse que no dia seguinte o juizado de menores iria mandá-lo para outra casa. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele ficou irado. Cerrou o punho e acertou o automóvel em cheio, estraçalhando-o em milhões de pedaços.

"Eu me sinto como uma bola de futebol", disse ele.

Todo ser humano anseia ter uma família permanente, mas muitos logo descobrem que isso não será uma realidade no plano terreno. Ou perdemos o pai ou a mãe. Ou o casal se

divorcia. Os avós se mudam para longe. Nossa família terrena não preenche o anseio humano de ter um lar ou uma família duradoura. E Cristo reconhece essa nossa necessidade, e a satisfaz adotando-nos em sua família. Ele nos dá seu próprio nome: somos chamados de cristãos. E dá-nos sua herança: a vida eterna.

Conheço casais com o coração cheio de amor, desejosos de dedicar afeição a uma criança que não vem. Quando conseguem adotar uma, ficam entusiasmados. E eles não falam à criança que ela só vai permanecer ali se corresponder às expectativas deles. Não dizem que ela não pode cometer mais de três erros, senão volta para o juizado de menores, não. Eles a recebem de braços abertos e o coração cheio de alegria, porque a amam. Acolhem-na para sempre, dão-lhe o nome da família, e a tornam sua herdeira legal. É exatamente assim que Deus age quando nos adota em sua família.

Um casal que decide ter ou adotar um filho começa a planejar tudo bem antes da chegada da criança. Da mesma maneira, Deus fez os planos para nos receber em sua família bem antes que percebêssemos que precisávamos dele. O apóstolo Paulo ensina o seguinte: "Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo..." (Ef 1.4,5 – NVI.)

Deus está dizendo a cada um de nós:

"Meu coração está tão cheio de amor que quero te acolher e tornar-te parte permanente da minha família. Qualquer pessoa – de qualquer raça, cor, credo, origem, ou com qualquer problema – é bem recebida na família adotiva."

Quando dizemos com sinceridade: "Senhor Jesus, quero fazer parte da tua família", o fato se confirma. Nossa adoção se torna definitiva e legalmente segura. Daí em

diante, já não temos o espírito de escravidão. Somos filhos de Deus.

Confiança no Espírito

Na sociedade atual, todos os atos importantes são registrados em documentos. Quando nos casamos, recebemos uma certidão de casamento. Ao comprar uma casa, adquirimos a escritura. Quando compramos um carro, recebemos a documentação correspondente. E a realização de um ato tão importante como a adoção na família de Deus também precisa de alguma evidência. A prova que Deus nos dá é muito mais importante e mais segura que qualquer pedaço de papel. É a comunicação diária e constante do Espírito Santo ao nosso espírito, dizendo que pertencemos a Deus. Desse modo, todos os dias, de maneira constante, o Espírito Santo está anunciando ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Isso é muito mais importante e mais seguro que qualquer folha de papel.

Deus não nos quer com dúvidas acerca da nossa condição diante dele. É por isso que "o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). O testemunho interno do Espírito Santo é misterioso. Não sei explicá-lo, nem descrevê-lo, mas posso testemunhar que é real. Quando as pessoas dizem: "Não sei se sou cristão ou não. Acho que sou. Tomara que seja", fico preocupado, pois a Bíblia diz claramente que quando entregamos o coração ao Senhor, ele se torna real para nós. Assim adquirimos a certeza de que lhe pertencemos. (Ver, por exemplo, 2 Coríntios 1.22; Efésios 1.13,14; 1 João 3.24; 4.13.) O Espírito Santo habita em nós e repetidamente sussurra:

"Tenha confiança – você faz parte da família de Deus."

O testemunho do Espírito nos mostra como Cristo nos ama – não somos apenas um número no censo celestial, nem vo-

zes do imenso coral do céu, mas indivíduos, seres humanos importantes. Ele não quer que sejamos tímidos, nem temerosos, nem que vivamos sob constante ameaça de condenação. Quer que estejamos cientes do dom que nos concedeu e seguros em seu amor. Ele nos ama da mesma forma que um irmão nos amaria, pois é exatamente isso que ele é.

Co-Herdeiros com Cristo

Alguns pensam na paternidade de Deus e em nossa adoção na família de Cristo como uma bela metáfora, uma figura de linguagem divinamente inspirada, que nos ajuda a entender a profundidade do amor de Deus por nós. Isso é verdade, embora não expresse toda a verdade. Deus *literalmente* nos colocou em sua família. A prova disso é que ele nos oferece uma porção de seus bens. Se somos filhos, diz Paulo, somos herdeiros – "co-herdeiros com Cristo" (Rm 8.17). Juntamente com Cristo, o amado Filho de Deus, receberemos parte da herança!

No entanto, acrescenta Paulo: "Se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados." (V. 17.) Quando Cristo veio à terra por nossa causa, não recebeu glória alguma. A única vez em que ele foi, de alguma forma, elevado, foi quando o pregaram numa cruz. As multidões clamavam por ele, mas apenas quando, erroneamente, imaginavam que ele iria livrá-las do jugo do Império Romano. Todos os que estavam em Jerusalém ficaram sabendo que ele morreu como um criminoso comum. Somente alguns poucos tiveram conhecimento de que ele ressuscitou e subiu aos céus. Esse mesmo Jesus, que nos convida a fazer parte da família de Deus, como seus irmãos e irmãs, também nos chama para nos juntarmos a ele na obscuridade do sofrimento: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me." (Mt 16.24.)

Ser irmão ou irmã de Cristo significa, então, partilhar de tudo com ele, e nos juntarmos a ele na obediência e no sofrimento, assim como em sua recompensa gloriosa. "Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe", diz Jesus (Mt 12.50). Isso foi de um valor absoluto para os seus ouvintes do primeiro século, pois estes sabiam que ninguém poderia contestar a autoridade do patriarca e ainda considerar-se parte da família.

Procura-se: Caráter

Que é necessário para fazermos a vontade do Pai? Precisamos de *coragem* para nos juntar a uma família que é mal compreendida no mundo. Executar as tarefas que Deus designou para os seus filhos exige *disciplina*. Precisamos ter *visão* para superar os problemas inevitáveis e para enxergar o que Deus está fazendo na vida de seus filhos. É preciso *perseverança* para permanecer ao lado de irmãos e irmãs, quando é muito mais fácil seguir nosso próprio caminho. Sobre tudo, é necessário *amor* para manter a família de Deus unida e para alcançar outros e convidá-los para se juntarem a ela. E esse amor tem de ser compassivo, firme, sacrificial e radical.

Resumindo, é preciso *caráter* para fazermos a vontade de Deus. E o melhor de tudo é que se trata do caráter de Cristo, que Deus nos oferece quando lhe dizemos, ainda que timidamente, que queremos fazer parte da sua família. Paulo ensina que aqueles a quem Deus escolhe como membros de sua família são feitos "conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8.29). Ele lhes dá qualidades de caráter como as de Jesus, seu Irmão mais velho.

Ele faz isso pela operação do Espírito Santo, seu representante, em nosso coração. "E todos nós... contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de

glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito." (2 Co 3.18.) O Espírito imprime em nosso coração as qualidades próprias do caráter de Cristo: "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei." (Gl 5.22,23.)

Depois de nos adotar e tornar-nos semelhantes a Cristo, Deus nos convida a reivindicar nossa herança – a mesma recompensa gloriosa de que Jesus tomou posse após o triunfo da ressurreição. Cristo está ansioso por partilhar sua herança conosco: "Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado..." disse ele de seus discípulos (Jo 17.22). O holofote não estará dirigido somente para ele. Pelo contrário, "quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3.4). Jesus vai se revelar em glória, para o mundo inteiro. Quando isso acontecer, nós, seus irmãos e irmãs, estaremos com ele, para partilharmos de sua glória eternamente.

Quanto mais conheço Jesus Cristo, mais o amo. Tenho percebido que ele é digno de toda a minha adoração, devoção e louvor. Ele merece que eu dedique toda a minha vida a seu serviço. Ele é alguém que dá; não um ladrão, que rouba. É o dono, não um mercenário; um pai, não um capataz. Ele quer que eu me torne parte de sua família, a fim de me comunicar os traços de caráter de que preciso para uma vida obediente, bem-sucedida e feliz, agora e sempre. Ele quer ter um relacionamento pessoal comigo, que dure por toda a eternidade, pois seu coração transborda de amor por mim.

Se você não conhece esse lado de Jesus Cristo, Deus deseja revelá-lo a você. Ele quer adotá-lo em sua família. A única coisa que você precisa é dizer-lhe o seguinte:

"Senhor, sou pecador, e jamais poderia merecer fazer par-

te de tua família. Mas Jesus Cristo, teu Filho perfeito, morreu por mim. Por isso me apresento para ser adotado por ti. Quero fazer parte da tua família. Obrigado por me receberes."

Se você fizer isso, Deus vai recebê-lo em sua família imediatamente. Ele não vai dizer:

"Vamos esperar alguns anos até que o seu caráter seja mais parecido com o do meu Filho."

Ele sabe que é quando estamos dentro da família divina que os traços de caráter se desenvolvem melhor. Então ele irá recebê-lo assim como você é. Depois, com amor, paciência e brandura infinitos, ele começará a moldá-lo. Ele vai conceder-lhe o Espírito Santo, como um certificado vivo de sua adoção. Você saberá então que sua condição de filho de Deus é legal, permanente e segura.

Muitos pensadores seculares reconhecem que o desenvolvimento do caráter é uma das tarefas mais difíceis que se apresentam a esta geração. Sem isso, nossa nação, nossa família e milhões de indivíduos correm sério perigo. Com ele, porém, ainda será possível o homem ter poder e sucesso. Entretanto o desenvolvimento do caráter é uma tarefa difícil, e talvez, amedrontadora, quando não a encaramos com uma determinação firme e resoluta.

É mais fácil perceber os traços de caráter do que transmiti-los. Como uma planta tenra, ele se desenvolve melhor numa atmosfera aquecida, própria para o cultivo. É exatamente isso que Deus oferece: o melhor exemplo possível de caráter, Jesus Cristo. E nos coloca na melhor escola que existe para o aprimoramento do caráter, a comunhão de sua própria família. Está na hora de dar o primeiro passo de coragem e dizer:

"Sim, Senhor, quero ser como Jesus. Por favor, recebe-me em tua família. Quero que me ames, para que eu seja semelhante a ti."

Caráter

Procuramos sempre agir de forma correta quando nosso nome e nossa "imagem" estão em jogo. Mas quando ninguém está olhando, qual é a nossa atitude? de que maneira agimos? É aí que entra a questão do caráter: ser coerente mesmo quando isso parece não trazer nenhuma vantagem para nós.

Coragem, disciplina, visão, perseverança, amor – virtudes de caráter em risco de extinção. Com enorme freqüência ouvimos falar de casamentos desmoronando, oficiais do governo mentindo, homens de negócio agindo com desonestidade e escândalos balançando a vida da igreja. Mas, apesar das inúmeras tentações e dificuldades, ainda podemos, com a ajuda e orientação de Deus, cultivar e conservar um caráter firme, inabalável.

Veja neste livro:

- Como superar os temores que nos desanimam
- Como manter a firmeza nos momentos de maior desânimo
- Como exigir a verdade em todos os relacionamentos
- Como dar de si em favor dos outros sem esperar nada em troca
- Como apropriar-se do caráter de Cristo
- E outros passos importantes para o seu crescimento pessoal e espiritual

---

Bill Hybels é o pastor da *Willow Creek Community Church*, uma igreja que procura alcançar para Cristo não crentes da região de Chicago, EUA. Em 15 anos essa igreja cresceu de 125 para 14.000 membros.

Editora Betânia
LIVROS QUE FALAM DE DEUS
Caixa Postal 5010 – 31611-970 Venda Nova, MG

ISBN 85-358-0027-1
9 788535 800272